

SUSANA MARQUES TEIXEIRA

O PAVILHÃO DE SEGURANÇA

Cenários Arquitetónicos num palco psico-comportamental

Orientador: Professor Doutor Arquiteto João Filipe Ribeiro Borges da Cunha

**Coorientadora: Professora Doutora Maria João Nunes dos Santos Castel-Branco da
Silveira**

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Comunicação, Artes, Arquitetura e Tecnologias da Informação – ECATI

Departamento de Arquitetura

Lisboa

2021

SUSANA MARQUES TEIXEIRA

O PAVILHÃO DE SEGURANÇA

Cenários Arquitetónicos num palco psico-comportamental

Dissertação defendida em prova pública para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura, no curso de Mestrado Integrado em Arquitetura conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias no dia 28 de abril de 2021, perante o júri nomeado pelo Despacho de Nomeação nº 294/2020 de 23 de dezembro de 2020, com a seguinte composição:

Presidente: Prof. Doutor Pedro Filipe Coutinho Cabral D'Oliveira Quaresma

Arguente: Prof^a Doutora Maria Luísa Alves de Paiva Meneses de Sequeira

Vogal: Prof. Doutor Hugo Filipe Herrenschmidt da Nazareth F. Cerqueira

Orientador: Prof. Doutor João Filipe Ribeiro Borges da Cunha

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Escola de Comunicação, Artes, Arquitetura e Tecnologias da Informação – ECATI
Departamento de Arquitetura

Lisboa

2021

Resumo

A presente dissertação é um resultado de questões que tiveram o seu enfoque na relação do sujeito com o espaço, enfoque tão importante, como na relação do espaço com o próprio sujeito. A problemática da relação sujeito-espaço subsiste há tanto tempo como a busca da intenção ao criar um lugar e é intensificada após o lugar estar criado. Cada capítulo é dedicado a responder a um seguimento de perguntas sequenciais, cuja resposta abre caminho a uma nova parte da pesquisa, começando pela pergunta de partida que originou toda a investigação aqui exposta: Qual o desempenho da arquitetura no comportamento humano? Apesar dos possíveis lugares e edifícios que apoiam esta resposta, o panótico é o modelo escolhido pela sua singularidade, tratada ao longo de todo o trabalho, e principalmente, no segundo capítulo. Esta tipologia de edifício, criada conceptualmente por Jeremy Bentham no séc. XVIII, tem sido estudado exaustivamente, tanto pela racionalidade que apresenta, como pela finalidade e até mesmo, pela adaptabilidade do conceito aos tempos modernos. A segunda fase da dissertação, apresenta a informação recolhida do conceito panótico, assim como alguns elementos exemplares. A importância de analisar estes exemplos está relacionada com a interpretação das características do modelo em si e do distanciamento que cada uma tem do modelo original. No entanto, até que ponto pode a arquitetura condicionar o comportamento humano? Uma pergunta mais precisa e que pede uma resposta mais sólida do que mostrar exemplos. É preciso mostrar mudanças significativas que o espaço impõe em quem persuade e prende, e como tal, a escolha de um modelo é fundamental. O Pavilhão de Segurança, localizado no Hospital Miguel Bombarda, é um panótico de características peculiares relativamente aos seus semelhantes e o que o faz distinguir-se, é o motivo de ser merecedor de um estudo que assenta tanto na sua construção como na relação com os seus habitantes.

Palavras-chave: Comportamento, Panótico, Máquina de Poder, Controlo, Alienado.

Abstract

This dissertation is a result of questions that had their focus on the subject's relation with space, such an important focus, as the relation between space and subject himself. The problematic of the subject-space relationship subsists for as long as the search for intention when creating a place and is intensified after the place is created. Each chapter is dedicated to answering a continuity of sequential questions, whose answer opens the way to a new part of the research, starting with the first question that originated all the investigation exposed in here. What is the performance of architecture in human behaviour? Despite the possible places and buildings that support this response, the panoptic is the model chosen for its uniqueness, treated throughout the work, and especially in the second chapter. This building typology, created conceptually by Jeremy Bentham in the 18th century, has been studied extensively, both for the rationality that presents, as for the purpose and even, for the adaptability of the concept to modern times. The second part of this dissertation presents the information collected about the panopticon concept, as well as some exemplary elements. The importance of analysing these examples is related to the interpretation of the characteristics of the model itself and the distance that each one has from the original model. However, to what extent can architecture condition human behaviour? A more precise question that asks for a more solid answer than showing examples. It is necessary to show significant changes that space imposes on those who persuade and symbolically hold, and such, the choice of one model is fundamental. The Pavilhão de Segurança (Security Pavillion), located at the Miguel Bombarda Hospital, is a panopticon with peculiar characteristics in relation to other panopticons and what makes it stand out is the very same reason it deserves a study based both on its construction and on the relation with its residents.

Keywords: Behavior, Panopticon, Device of Power, Control, Alienated.

Abreviaturas, Siglas e Símbolos

HMB – Hospital Miguel Bombarda

PVDE – Polícia de Vigilância e Defesa do Estado

PIDE – Polícia Internacional e de Defesa do Estado

Índice

Índice de Figuras	7
Introdução	9
1. O comportamento condicionado pela Arquitetura	12
1.1. Espaço e relacionamento.....	12
1.2. O Caso Pruitt-Igoe	16
2. O Panopticon – Cenário de Complexidade Psico-Comportamental	19
2.1. Comportamentos.....	20
2.2. O Modelo	24
3. O Pavilhão de Segurança do Hospital Miguel Bombarda.....	39
3.1. Notícia Histórica e Contexto Local.....	39
3.2. A Casa dos Alienados	44
3.3. Casos de Vida	61
Conclusão	68
Bibliografia.....	69

Índice de Figuras

Figura 1 – Vista aérea de Pruitt-Igoe, St. Louis, Missouri, EUA, 1962.....	16
Figura 2 – Demolição do primeiro conjunto de edifícios, Pruitt-Igoe, St. Louis, Missouri, EUA, 1971.....	18
Figura 3 - Figura 3 – Esboço numa carta de David Collins a Jeremy Bentham, 4 de abril 1803.....	24
Figura 4 – Estudo de planta quadrangular e conceito panótico associado, com destacamento de áreas protegidas visualmente.....	24
Figura 5 – Carta de David Collins a Jeremy Bentham e excerto transcrito, 4 de abril 1803...	25
Figura 6 – Planta, Corte e Fachada do Panótico, elaborados pelo arquiteto Henry Willey Reveley, de acordo com as instruções de Jeremy Bentham, 1791.....	29
Figura 7 – Fotografia Aérea da Prisão de Santo Stefano, Itália, 2013.....	31
Figura 8 – Fotografia no interior da Prisão de Santo Stefano com a capela no centro, Itália..	31
Figura 9 – Gravura da Prisão de Milbank, Londres, Inglaterra, 1816-1890.....	32
Figura 10 – Fotografia da Round House, Fremantle, Austrália, 2019.....	33
Figura 11 – Fotografia da Maison d’Arrêt, Niort, França, 2010.....	33
Figura 12 – Planta de Prisão d’Autun, elaborada pelo arquiteto André Berthier, 1953.....	34
Figura 13 – Fotografia Aérea da Prisão d’Autun, França, 2016.....	34
Figura 14 – Fotografia da Prisão de Breda (durante uma simulação num jogo Escape Prison), Holanda, 2016.....	35
Figura 15 – Fotografia da Prisão de Harlem, Holanda, 2018.....	35
Figura 16 – Fotografia do Centro de Correção de Stateville, Crest Hill, Illinois, EUA, s/d...	37
Figura 17 – Carta da Cidade Lisboa com identificação da localização do Convento de Rilhafoles, 1833.....	40
Figura 18 – Vista Aérea do Hospital Miguel Bombarda, Lisboa, 2019.....	43
Figura 19 – Planta e Fachada do Pavilhão de Segurança elaboradas pelo arquiteto José Maria Nepomuceno, 1892.....	45
Figura 20 – Fotografia da Fachada Principal (sul) do Pavilhão de Segurança, HMB, 2019.....	46
Figura 21 – Entrada de acesso ao pátio central.....	47
Figura 22 – Fotografia de pacientes no interior do Pavilhão de Segurança, s/d.....	47
Figura 23 – Fotografia do Pavilhão de Segurança na sua envolvente próxima, s/d.....	48
Figura 24 – Fotografia da Sala de Reuniões, Pavilhão de Segurança, 2019.....	49

Figura 25 – Fotografia do Quiosque, revista <i>Brasil-Portugal</i> , legendada como “ <i>Pavilhão dos Furiosos</i> ”, 1899.....	50
Figura 26 – Fotografia Aérea do Pavilhão de Segurança, HMB, 10 de novembro de 1948....	51
Figura 27 – Captura de cena do filme <i>Jaime</i> de 1974, [2:04min].....	52
Figura 28 – Fotografia no interior do Pavilhão de Segurança, HMB, 2007.....	54
Figura 29 – Recriação do ambiente no interior de uma cela-quarto na década de 50, 2016...	55
Figura 30 – Fotografia da porta de uma cela e do seu óculo, Pavilhão de Segurança, 1968...	56
Figura 31 – Fotografia de um conjunto de pacientes no interior do Pavilhão de Segurança, 1968.....	57
Figura 32 – Banco fixo com arredondamento em cimento, s/d.....	58
Figura 33 – Entrada do compartimento identificado como ‘RETRETE’, s/d.....	59
Figura 34 – Claraboia e conjunto de janelas, Sala de Reuniões, Pavilhão de Segurança.....	60
Figura 35 – Valentim de Barros, fotografado pela PVDE, 1939.....	62
Figura 36 – Valentim de Barros, fotografado no interior da sua cela, 1968.....	64
Figura 37 – Jaime Fernandes à porta da sua cela, Pavilhão de Segurança, s/d.....	65
Figura 38 – Desenho de esferográfica em papel, 32,6cmx24,9cm, Jaime Fernandes, s/d.....	66
Figura 39 – Desenho de figura disforme em esferográfica, 43,9cmx13,5cm, s/d.....	67
Figura 40 – Desenho de figura disforme em esferográfica, dimensões desconhecidas, s/d...	67

Introdução

Apresentar uma temática relacionada com a arquitetura e conceção de um espaço é um trabalho interdisciplinar. Não é possível focar-se no lugar e observar exclusivamente a sua aparência material, quando o objetivo passa por transmitir toda uma atmosfera emergente. Conseguir transmitir esta mesma atmosfera por meio de palavras pode ser tão ingrato, que se torna necessário recorrer às restantes disciplinas que analisam o espaço de um modo mais inclusivo, para que o lugar em estudo seja corretamente entendido. As perguntas certas, mesmo sendo reestruturadas mais tarde, conduzem a investigação de forma a que cada capítulo fique mais próximo de uma análise que aborda aspetos do relacionamento humano com o espaço.

Qual o desempenho da arquitetura no comportamento humano? A pergunta que permaneceu ao longo das pesquisas e leituras feitas até muito recentemente, mostrou-se insatisfatória. A resposta a esta pergunta seria meramente genérica, aplicada a situações e circunstâncias distintas. É preciso procurar mais do que isto para entender o impacto que a criação de um espaço tem nos sujeitos que o vivem. O percurso de um museu, a permanência ou não num parque público, a perda de noção do tempo no interior de um centro comercial, são exemplos evidentes daquilo que um objeto pode provocar. Mas, e se na verdade, estiver envolvido mais *poder* do que isto?

Até que ponto pode a arquitetura condicionar o comportamento humano? Uma pergunta mais precisa e que pede uma resposta mais sólida do que mostrar exemplos. É preciso mostrar mudanças significativas que o espaço impõe em quem abriga, persuade e prende. De modo a chegar a uma conclusão, tornou-se essencial responder a uma pergunta de cada vez, sendo este o raciocínio por detrás da construção desta dissertação. Indagar o lugar é uma prática comum do arquiteto, e a escolha deste tema prende-se com a quantidade e a qualidade das perguntas que devemos fazer ao lugar e a nós mesmos, quando o visitamos ou quando o criamos.

A metodologia de investigação é baseada na análise de diversos conceitos e espaços físicos, que uma vez estudados, são o apoio para o aprofundamento das relações humanas com o lugar. Numa primeira fase, a pesquisa começa por se focar numa determinada problemática mostrando um claro exemplo de como esta é evidente. A análise da relação sujeito-objeto

foi prioritária neste capítulo, pois ao entender que intenções e seus resultados podem não ser compatíveis, é como procurar respostas à primeira pergunta, referida acima. Partindo de um *geral* onde o foco passa por analisar um exemplo sem precedentes, e do qual tinha informações reduzidas, escolhi um caso de insucesso evidente, sem saber as causas. Pruitt-Igoe tornou-se o dado adquirido. Traz-nos a certeza de que esta investigação pode continuar, sob a afirmação de que a arquitetura planeada construída pode revelar falhas na condução de comportamentos, como analisado no presente trabalho.

A escolha do modelo panótico como exemplo a investigar, foi uma decisão assente no uso que lhe está destinado, que não era apenas ditado, tinha objetivos claros para a reforma do carácter. É no segundo capítulo, que este modelo é escrutinado, desde a sua conceção por Jeremy Bentham, no séc. XVIII, passando pela descrição de diversos modelos construídos, mencionando a adaptabilidade, e adaptação, do conceito nos tempos modernos. Os detalhes originais do modelo que viria a ser considerado um dos mais cruéis construídos, pela faceta desumana que retira o direito da privacidade a um nível escrupuloso, apresentam-se selecionados e compilados neste capítulo. A análise deste modelo é crucial para acompanhar o afastamento que existe até ao modelo escolhido, tanto no plano da construção como no plano das intenções. A transição da ideia em arquitetura para a realidade construída, sustentou-se nas necessidades de época e de lugar e, como provado, foi um sustentáculo insuficiente. A maioria destes modelos estão desativados, e muitos desta maioria, encontram-se em mau estado de conservação sem qualquer plano de recuperação imediato.

No terceiro capítulo, o objeto, o Pavilhão de Segurança que se situa no Hospital Miguel Bombarda, foi escolhido essencialmente por dois motivos. Em primeiro lugar, para estudar a relação que possa ter existido entre o objeto e um habitante, é preciso poder visitar o espaço e observar a mesma atmosfera que a outros foram dadas. O observar do espaço é subjetivo e não é possível apurar as conclusões que outros tiveram, mas é possível conseguir uma aproximação conhecendo o espaço e a vida de quem o viveu. Sendo tão poucos os exemplares panóticos, o Pavilhão de Segurança é o exemplo prático a ser visitado. Em segundo lugar, e após uma pesquisa elementar às funções e características de outros panóticos, conclui que existe uma particularidade no Pavilhão de Segurança que mais nenhum tem: a função original deformada em prol do paciente. Com isto, alongo-me ao afirmar que o Pavilhão de Segurança é o único (de todos os analisados) que devido à sua função de

enfermaria, coloca o bem-estar dos pacientes acima de qualquer pretensão de vigilância e de controlo, e, por isto mesmo, o seu estudo é urgente e pertinente.

Como encerramento, a dissertação estende-se até à apresentação de dois pacientes, Valentim de Barros e Jaime Fernandes. Contar as suas histórias, não tem peso na análise construtiva, mas concorda com a intenção de me aproximar do significado espacial para os pacientes da dita 8ª Enfermaria. Nas visitas feitas ao panótico, concentrei-me no olhar sobre o espaço pelos olhos do habitante e não do visitante, como por exemplo, entender o que significa o espiar do óculo no interior da cela que se torna escura após a porta fechada, caminhar e refletir ao longo de todo o círculo e mais importante, apreciar a distância que o espaço leva de qualquer outro elemento na cidade.

1. O comportamento condicionado pela Arquitetura

1.1. Espaço e relacionamento

Ao longo dos tempos, a arquitetura tem assumido um extenso papel na vida humana. Tem sido a cuidadora de que o humano precisa para se abrigar e proteger; os percursos que nascem da necessidade de se deslocar; a solidez que impõe limites no espaço; a ferramenta usada para nos alterar o comportamento. Estes são apenas alguns dos exemplos que se leem imediatamente. É, em conjunto com outros fatores, a responsável que leva o sujeito a assumir determinadas práticas comportamentais num determinado espaço, ou exemplificando melhor, a arquitetura é o *cenário* que incita o ator a ter uma determinada *performance*. Enquanto criador deste cenário, o arquiteto está consciente de que ao projetar, estará a provocar alterações que ditam a forma como este espaço é vivido e o modo de vida do espaço e de quem o vive. O arquiteto tem consciência deste papel, está seguro de que pode vestir-se de vidente e prever um futuro sobre aquilo que projeta, e assim, prever um futuro sobre o sujeito. Enquanto sujeitos, somos condicionados pela vontade um criador. Viver o lugar, absorver e adquirir determinados comportamentos são decisões do sujeito que toma os próprios passos ou ações previstas por aquele que cria? O sujeito que se deixa levar pelos traçados de outrem, permite e permite-se a si mesmo, porque o objeto que ele vê e toca, carrega em si a conceção de quem o criou, conduzindo a um arbítrio condicionado. Mas não é aqui que reside o fascínio da relação sujeito-objeto. A complexidade deste vínculo torna-se ainda menos previsível quando ao sujeito não mais está ao alcance guiar as suas decisões no lugar, mas aquelas que toma, não são também decididas pelo arquiteto. O próprio espaço assume-se como um participante ativo ou uma entidade que comanda e apresenta-se com características exclusivas e únicas para um determinado sujeito e objeto. Para cada sujeito, o espaço tem a sua própria ordem e características sendo alterado na forma como é vivido.

Para melhor descrever estas abordagens, é feita a separação em duas relações existentes: arquiteto-espaço e espaço-sujeito. Na primeira, existe uma preocupação no *dar* da relação ou a colocação das intenções que serão transmitidas a um espaço, com o intuito de o transformar num lugar. Existe uma nobreza nestas intenções que fazem do lugar esperado, um lugar desejado por aqueles que já acreditam saber o que lhes é destinado, tornando-o em algo que já existe mesmo antes de ocupar um espaço concreto no mundo. Há uma nuance fantasiosa quando o lugar nasce na mente do seu criador, uma vontade de lhe dar as características de uma atmosfera própria [*STIMMUNG*] que fará dele um lugar único aos

olhos de quem o vive. E quando resulta, sabemos que as nobres intenções foram fundamentadas e apoiadas no olhar crítico do arquiteto, que não apenas desenha um novo lugar, mas também uma nova atmosfera.

É na relação espaço-sujeito que o primeiro tem voz ativa no modo como o sujeito o vive, o vê e o percebe. Um espaço pode trazer resquícios de uma atmosfera indesejada, não porque o arquiteto assim o planeou ou porque o sujeito assim o pensou, mas porque as reminiscências não chegam até nós apenas de modo verbal. As reminiscências têm a faculdade de se impregnar no espaço que vivemos.

Os pormenores emprestam carácter. Tome-se como exemplo que uma função não subsiste sozinha. Os desenhos são replicados para novos lugares com a mesma função, mas após a vivência nestes mesmos lugares, cada espaço guarda as memórias e reminiscências daquilo de que foi palco. Ou seja, uma habitação pode ser reproduzida centenas de vezes, mas ao longo dos anos a tendência leva a que cada uma destas, venha a ter características singulares. As mesmas áreas, a mesma função, mas diferentes palcos que os sujeitos que os vivem moldam à sua vontade, tornando esse espaço deles, não no sentido de posse, mas de identidade. Isto reflete-se nos materiais, no modo como o espaço é organizado ou no trato que este apresenta: o espaço reflete o seu habitante.

Contudo, existe uma ténue separação entre aquilo que absorvemos com a vivência no espaço e aquilo que questionamos pelo que absorvemos. Um novo ambiente traz-nos a vontade de conhecer, escutinar e explorar o que já tomamos como nosso: o nosso olhar sobre o objeto que foi desenhado e criado para nós, enquanto pessoas. Viver um determinado lugar implica embeber-se na atmosfera que este tem em si, resultante de todas as características projetadas para o espaço, e imediatamente a seguir, sobrevém o questionamento. O sujeito, faz um percurso de pensamento inverso, ao questionar o ambiente. Não sabendo o propósito de quem planeou o espaço, imediatamente verifica as características que devem ser responsáveis pelo que sente. Alguns exemplos são de leitura imediata, como por exemplo, a perda de noção espacial, algo que acontece porque o sujeito tem uma medida bem presente, o seu próprio corpo, mas mais que isto, a ação do corpo no espaço. É este vínculo, e a ideia de adequação que o corpo tem no espaço, que formam a noção de *espacialidade*, ou o seu contrário, como a respetiva perda. (Merleau-Ponty, 1999, p. 336-337)

[o espetáculo do espaço instala-se] quando, entre meu corpo enquanto potência de certos gestos, enquanto exigência de certos níveis privilegiados, e o espetáculo percebido enquanto convite aos mesmos gestos e teatro das mesmas ações, se estabelece um pacto que me dá usufruto do espaço como dá às coisas potência direta sobre o meu corpo. A constituição de um nível espacial é apenas um dos meios da constituição de um mundo pleno: meu corpo tem poder sobre o mundo quando minha percepção me oferece um espetáculo tão variado e tão claramente articulado quanto possível, e quando minhas intenções motoras, desdobrando-se, recebem do mundo as respostas que esperam. Esse máximo de nitidez na percepção e na ação define um *solo* perceptivo, um fundo de minha vida, um ambiente geral para a coexistência de meu corpo e do mundo. (Merleau-Ponty, 1999, p337)

A arquitetura tem o dom de confundir a percepção que o sujeito tem do espaço, levando-o a reconsiderar a posição e dimensão de si mesmo, e são exatamente estas variações no reconhecimento espacial que fazem do espaço um agente nesta relação. Como interveniente ativo – o espaço –, pode colaborar com a ação do corpo ou transformá-la, como se de um guião de tratasse, tornando-se possível de ser avaliado pela *performance* de quem o vive.

Estudar um participante tão ativo numa relação implica conseguir defini-lo num *a priori* e num *a posteriori* no relacionamento com o sujeito. O espaço existe. É concreto ou, como diria Platão, um contentor para todas as coisas existentes, a sua *Khora* ou recetáculo. A visão de Aristóteles, por outro lado, contradiz que um espaço se resuma à sua posição geométrica e matemática, mas sim, que existe pela relação que todos os elementos nele mantêm entre si. Mais tarde Isaac Newton designa o espaço absoluto e o espaço relativo, como apoio às duas teorias e fazendo do espaço, um conceito *ambivalente*. O espaço relativo, ou seja, o espaço das experiências só existe pela presença do corpo que o vive e experimenta, o que o transforma na peça que altera o conceito de espaço e consequentemente, na peça central daquilo que representa o espaço em si. (Vieira de Aguiar, 2006, p. 75-76)

A montante, o espaço não existe enquanto atmosfera ou enquanto elemento representativo e capacitado para provocar sensações – não existe um corpo – mas, após a presença de um sujeito, o espaço habilita-se. O corpo é o elemento que relaciona todos os componentes espaciais, criando a composição que torna real a percepção. O corpo é o elemento central.

No entanto, ser o centro não significa estar centrado espacialmente. Mesmo em movimento, o corpo transforma a lógica da posição que ocupa a cada instante. Mas e se, existir a conjugação entre ser o centro e posicionar-se numa centralidade? Esta é uma posição de privilégio. Poder avaliar as relações de todos os elementos e estar na posição privilegiada que permite ao sujeito avaliar-se a si mesmo como um dos agentes que transforma o espaço. Aqui, o sujeito questiona-se novamente: tanto enquanto parte da composição daquilo que vê e até que ponto é a centralidade que altera o que o rodeia? A incerteza de tal posição conduz a uma alteração nele mesmo, pois será o sujeito o taumaturgo do espaço ou a marioneta que este o obriga a ser? As questões que a relação espaço-sujeito levantam, fazem acreditar que há uma falha no controlo que o arquiteto tem nas suas criações, e ao mesmo tempo, que as respostas são dadas por fatores distintos. O espaço, em si, traz a dúvida sobre aquilo que vai ser quando existir. E mais do que isso, quantas vezes se irá transformar à medida que o tempo passa, por que sobreviverão os espaços às mudanças?

[o] ato de habitar é o modo básico de alguém se relacionar com o mundo. É fundamentalmente um intercâmbio e uma extensão; por um lado, o habitante se acomoda no espaço e o espaço se acomoda na consciência do habitante, por outro, esse lugar se converte em uma exteriorização e uma extensão de seu ser, tanto do ponto de vista físico quanto mental. Habitar é, ao mesmo tempo, um evento e uma qualidade mental e experimental de um cenário funcional, material e técnico. (Pallasmaa, 2017, p. 7-8)

1.2.O Caso Pruitt-Igoe

É todo um passado de construções e modelos que nos comprovam, nos mais diversos locais, o quanto a arquitetura tem responsabilidade nas mudanças sociais e comportamentais. O futuro de qualquer espaço é uma incógnita. À semelhança de qualquer nova intervenção, o espaço deve ser bem-vindo para ser um êxito no local em que passa a existir, sendo significativa toda a preparação para o receber. Esta, passa por conhecer todas as variáveis que o definem na sua pré-existência, passando pela atmosfera, aos usos ocupacionais, aos fluxos pedonais e viários, às áreas de permanência e, principalmente, às exigências do lugar, ou seja, o que realmente este lugar precisa e, inclusive, solicita. É o caso de Pruitt-Igoe [Fig. 1] que não pode deixar de ser mencionado como um destes exemplos: o resultado de uma preparação deficiente e sem cuidado acrescido na caracterização espacial, bem como nas condições humanas, sociais e comportamentais.



Figura 1 – Vista aérea de Pruitt-Igoe, St. Louis, Missouri, EUA, 1962.
Fonte: www.archdaily.com

Na década de 40 do séc. XX, a cidade de St. Louis, nos Estados Unidos, mostrava um número elevado de habitantes, resultante dos movimentos migratórios das décadas anteriores, e que arrendavam casas em grande número tornando as condições de habitabilidade deficitárias. Um inquérito feito na cidade provou que cerca de 33.000 habitações partilhavam instalações sanitárias com habitações vizinhas. Com a população de classe média a deixar a cidade,

novas famílias numerosas, com baixos rendimentos, começaram a ocupar as casas vazias, gerando o receio entre proprietários de que os imóveis na cidade viessem a desvalorizar-se. Assim, surge a ideia de reorganizar áreas na periferia da cidade com projetos de habitação social, onde o objetivo passava por começar a acolher as pessoas nestas novas áreas mantendo os valores de arrendamento no centro da cidade. Pruitt-Igoe fez parte desta nova intervenção. Um complexo habitacional, composto por 33 edifícios de 11 pisos, que traria consigo todo um planeamento urbano a pensar nas famílias carenciadas formando uma extensa *unidade de vizinhança*, e que estaria junto de escolas, parques públicos e serviços de apoio à população residente. A construção terminou no ano de 1955, tendo sido imensamente anunciada como uma mudança na vida da cidade e de todos os que se mudassem para os novos 2870 apartamentos. Quando o arquiteto Minoru Yamasaki projetou Pruitt-Igoe, obedeceu a um conjunto de regras pré-estabelecidas pelas autoridades responsáveis pelo financiamento; nada faria prever que estas seriam em parte a causa da decadência de todo este projeto. A segregação racial (edifícios destinados a residentes caucasianos e a residentes afro-americanos), o baixo investimento nos materiais de construção, os acessos ineficazes pelos elevadores e a distribuição da planta nas áreas comuns e no interior das habitações, foram algumas das características definidas aquando a execução do projeto e quando em apenas dois anos após o término da construção os edifícios mostraram uma ocupação de 91%, ninguém antecipou o que se avizinhava.

Mas foi o espaço que definiu este futuro. Habitar em Pruitt-Igoe passou de “oásis no deserto” (*The Pruitt-Igoe Myth*, 2012) à sobrevivência num caos criado por “pessoas destrutivas”. Viver num apartamento que partilha o edifício com cerca de 85 outros apartamentos, sem se conhecer os rostos dos vizinhos, onde se atravessam corredores mal iluminados e com ventilação deficiente, sendo obrigado a apanhar o elevador até um piso diferente porque o arquiteto planeou que este parasse em apenas quatro pisos, e para tal, sendo preciso que estivesse a funcionar porque a manutenção em Pruitt-Igoe se tornou descuidada, foi um conjunto de fatores que sustentaram o mau uso deste lugar. As escadas e as áreas comuns estreitas e constantemente abertas pela quantidade de moradores no mesmo edifício, eram zonas convidativas para assaltantes que fizeram delas áreas inseguras para quem passava. Tornou-se impossível distinguir os residentes dos intrusos. Com o aumento da violência, mesmo no exterior, devido ao ajuntamento de gangues, o grau de insatisfação dos moradores aumentou. Começaram a manifestar-se contra as altas rendas que pagavam, visto terem

rendimentos muito baixos, e ainda contra o estado da construção, resultante também do vandalismo, porque não tinha manutenção apropriada. Ora, concentrar uma alta quantidade de população num único edifício e repetir o mesmo 33 vezes, pode contribuir para um aumento de vandalismo e falta de cuidado pela propriedade material, visto que se a responsabilidade de cuidar de um espaço passa por muitas pessoas, nenhuma destas sentirá essa mesma responsabilidade como sua. Viver em Pruitt-Igoe tornou-se inseguro o que causou uma debandada de famílias para se realojarem em outros locais da cidade. Os apartamentos que iam ficando vazios, eram imediatamente ocupados por grupos criminosos que controlavam as áreas comuns.

Sem a possibilidade de renovar o modo de vida neste complexo, os restantes moradores começaram a sentir-se encorajados a abandonar as suas casas, e em 1971, foi decidido demolir o primeiro conjunto de edifícios [Fig. 2]. Com a mesma vontade de fazer este complexo ganhar vida, os planos para as demolições foram igualmente apressados. Em 1976, Pruitt-Igoe deixou de existir.



Figura 2 – Demolição do primeiro conjunto de edifícios, Pruitt-Igoe, St. Louis, Missouri, EUA, 1971. Fonte: www.archdaily.com

2. O Panopticon – Cenário de Complexidade Psico-Comportamental

O sujeito reformula o espaço que vive ao adotar um determinado comportamento, o que muitas vezes, se torna impossível de antecipar. A observação do comportamento humano dá respostas-referência a quem pretende encontrar padrões comportamentais, mas que são meramente indicativas e altamente refutáveis. O *behaviourismo*, doutrina do séc. XX que apoia as ciências do comportamento, traz consigo a possibilidade de analisar a relação entre o ambiente/contexto/envolvente e a resposta do sujeito ou, por outras palavras, entre o espaço e o comportamento que este desencadeia. Assim, conseguir encontrar padrões comportamentais, é um passo mais próximo para evitar o fracasso num novo espaço, ou pelo contrário, conseguir o sucesso num outro, com um objetivo totalmente distinto. Ainda no séc. XVIII surge a ideia de que um espaço pode ter as características que alteram determinados comportamentos-padrão. E ao longo do tempo subsequente, a análise de um espaço passa pela investigação em torno do porquê de um lugar destes ter sido criado. Este propósito, torna-se apropriado na presente dissertação.

2.1.Comportamentos

Em 1785, Jeremy Bentham (1748-1832), um jurista inglês, acredita ter criado a ferramenta de controlo que viria a revolucionar o sistema penal. Um espaço único na conjugação entre função e forma que surge como a solução para os lugares que precisam de uma vigilância constante, tais como prisões, escolas, áreas de trabalho e qualquer outro que indique uma necessidade comportamental exemplar por parte de quem é vigiado. Bentham viu aqui a oportunidade de alterar o método que o sistema carceral utiliza para punir aqueles que não respeitam a lei, e a oportunidade de colocar em prática a recuperação do prisioneiro enquanto um sujeito que não nasceu, mas que se tornou num criminoso. Mas para entender o quanto esta proposta faz parte de um ideal progressista, é preciso localizar temporalmente as circunstâncias em que Bentham concebeu este sistema prisional, assim como a evolução da punição ao criminoso e o que foram os estabelecimentos prisionais em anos que, apesar de não muito distantes, são cenários deploráveis e até mesmo funestos. Para tal, este capítulo apoia-se fortemente na investigação de cartas escritas por Bentham no ano de 1787, enquanto esteve na Rússia, assim como na compilação de 11 volumes intitulados *The Collected Works of Jeremy Bentham* (1843), e no trabalho descritivo de Michel Foucault, pensador que se debruçou sobre a temática das prisões e da evolução da representatividade da punição e do encarceramento, em *Vigiar e Punir, O Nascimento das Prisões* (1975).

Apesar de sempre ter existido o cárcere, o propósito de aprisionar nem sempre foi o de punir. Enviar uma pessoa para a prisão, servia para que esta não escapasse da sua sentença final e aguardasse julgamento num local cujo único cuidado era o de este ser um espaço encerrado. Estes espaços, guardavam aqueles que a sociedade considerava impróprios e indignos – os fora-da-lei –, sendo escondidos, fracamente iluminados e desprovidos de condições de salubridade. Não são diferentes das conhecidas masmorras que nos são trazidas da época medieval, e que muitas vezes, são a última morada de quem é ali aprisionado. Enviar uma pessoa para a prisão sem saber por quanto tempo teria de aguardar julgamento, significava muitas vezes que acabaria por morrer devido às inexistentes ou fracas condições de vida/sobrevivência. Quando esta pessoa chegasse a julgamento, a verdadeira punição, seria aplicada conforme a lei o tivesse decidido e de acordo com o crime cometido, podendo passar por torturas físicas, como ser açoitado ou sofrer a amputação de um membro, pagar altos valores ou enfrentar a pena de morte. O suplício, de que nos fala Foucault, resultava do

pensamento de retorno à violência: o humano que comete um crime, deveria sofrer os horrores de uma represália física adequada à violência do seu crime.

Apesar deste cenário, o século XVIII provou-se como o século de avanços científicos, mas mais que isso, como o século de viragem no pensamento e nos ideais, sendo por isto mesmo conhecido pelo século das Luzes, ou o século que traz a corrente do Iluminismo [*Aufklärung*]. A supremacia da Igreja Católica está bem presente, e não é possível desatentar que a tolerância perante crimes e atos considerados ofensivos era muito baixa, chegando mesmo a ser desumana. A corrente iluminista traça, entre muitos outros aspetos, um percurso de expansão no que diz respeito aos direitos civis e à sua aplicação. É nesta viragem que se encontram ensaios, escritos e tentativas argumentadas e fundamentadas para que a aplicação da lei possa ser uma punição metódica e ela própria regrada e ponderada. Deste modo, o aplicar da lei poderia servir como método preventivo de outros delitos e a prisão, o local onde os criminosos seriam sujeitos à privação de liberdade por um determinado período de tempo. Cesare Bonesana ou, mais conhecido como marquês de Beccaria, um dos impulsionadores desta corrente iluminista que se opõe à tradição penal, revê no seu tratado *Dei Delitti e delle Pene* (1764) o sistema abusivo que acredita ser uma continuidade de tempos bárbaros e que não correspondem à dignidade que o século em que vive deve demonstrar, assim como das leis e seus legisladores. A obra abrange os mais diversos temas e processos que dizem respeito às atribuições penais e condena a obscuridade por detrás destas, assim como a ignorância do povo face às leis existentes. “Ainda estamos dominados pelos preconceitos bárbaros que nos legaram os nossos avós (...)” (Beccaria, 2013, p15). O autor apoia uma condutividade penal, clara e livre de dúvidas para todos, assim como um processo livre de humilhações físicas e penas incivis para os condenados que, mesmo quando inocentados, veem o seu nome não mais respeitado pela sociedade. O próprio Foucault, detalha como o acusado e o público eram mantidos na ignorância sobre a acusação e todo o seu processo e que, tal como o suplício, estas foram as regras herdadas da Idade Média.

É na segunda metade deste século, no alvoreço de ideias e escritos de vários pensadores, que Jeremy Bentham, à época um jovem jurista que partilhava em grande parte os ideais de Beccaria, estuda o sistema penal e o comportamento do indivíduo em relação às penas aplicadas, pondo o enfoque no trabalho de outros legisladores. Todo este processo está amplamente descrito e reúne toda a correspondência encontrada sobre a temática jurídica e

assuntos associados. Esta coleção é o testemunho de uma investigação que não viu um fim, mas que foi conduzida sim por um persistente objetivo: tornar a pena responsável pela reforma e redenção do indivíduo. A representação que envolvia a punição, passou de um espetáculo em praça pública, com um público sedento de justiça por crimes que muitas vezes não compreendia inteiramente, a um ato fruto de um plano traçado previamente. É nesta busca, que Bentham conhece diversas personalidades da corrente iluminista que, tal como ele, se apoiam na racionalidade e na procura de um bem-estar comum: o princípio da utilidade que descreve com o maior detalhe como sendo a relação ação-consequência e a motivação por detrás desta. O princípio prevê que uma ação que traz benefícios à sociedade, é considerada uma ação bem-intencionada, logo que contribua para o bem-comum, do mesmo modo, que uma ação exercida sem pensar neste bem-estar é uma ação mal-intencionada. A investigação de Bentham segue este princípio, transformando-o num dos seus maiores defensores e fazendo do jurista, um pensador que anseia por aplicar na sua prática, o carácter preventivo da lei.

É no ano de 1785, Jeremy Bentham viaja para a Rússia, ao encontro de Samuel Bentham, um engenheiro mecânico e arquiteto naval que, exerce grande influência nos escritos e criações do seu irmão. Ao longo dos três anos seguintes, pormenoriza toda a descrição espacial de um elemento que se veio a concluir ser fruto da investigação racional e utilitarista mencionadas acima e, quando regressa a Londres, traz consigo o liberalismo que choca uma sociedade marcada pela tradição. Com o excesso de envio de prisioneiros para as colónias americanas e o início da Guerra da Independência dos Estados Unidos, a Inglaterra deixa de ter local para enviar os condenados e vê-se com dificuldade em livrar-se dos indignos da sociedade. A solução passou por continuar a fazê-lo, mas desta vez em direção às novas terras descobertas: a Austrália e territórios adjacentes. Bentham encontra o contexto ideal para apresentar a ideia do panóptico, fazendo ênfase no desperdício que é a deportação ao invés de serem indivíduos submetidos à reforma do carácter. Ao longo de 21 cartas (incluídas em *The Collected Works of Jeremy Bentham*), detalha cada área e objetivo deste modelo, e em 1791, é editado um *postscript* em dois volumes com detalhes técnicos já discutidos com os arquitetos Charles Butler e Henry Willey Reveley. Bentham torna-se obsessivo com a ideia de poder construir uma prisão que apoia a reforma dos condenados e, ao mesmo tempo, ser o seu diretor. Analisa relatórios de deportados que são enviados para Botany Bay, na Austrália, e troca correspondência com o capitão e governador britânico que vive nas

colónias australianas, David Collins, o qual simpatiza com a ideia da nova prisão chegando mesmo a dar instruções para a construção de uma. No entanto, nunca construída. O jurista acreditou sempre que um cárcere com as intenções do panótico seria, em parte, a solução para os problemas que a sociedade inglesa enfrentava no sistema penal. Mas as dúvidas assentavam principalmente na natureza ética por detrás da construção de um espaço assim, tal como no investimento económico necessário.

Durante décadas, Jeremy Bentham lutou por um modelo que continuou a aperfeiçoar em desenho e em escritos, e que poderia ser aplicado em mais do que prisões. Em escolas, hospitais, fábricas, asilos e até mesmo em áreas de trabalho, esta construção seria uma vantagem pois, o que poderia ser melhor do que saber sempre como se tem comportado a criança, o estado do paciente que pode ser contagioso ou se o operário tem cumprido as suas tarefas? Os habitantes deste edifício não querem ali estar, têm de estar, sejam forçados ou coagidos. E no fim, o edifício não era uma prisão, mas sim uma *máquina vigilante* da ‘massa humana’ que continha no seu interior.

2.2.O Modelo

A construção efetiva de um panóptico real avizinhou-se por mais do que uma vez, mas acabou por se tornar apenas um modelo arquivado. Um edifício de forma circular ou poligonal, com as celas no perímetro, separadas entre si, e cujas entradas estão orientadas para o centro de todo o espaço. A forma fechada, promotora de uma centralidade óbvia, foi alvo de discussão nos escritos de Jeremy Bentham, aquando a correspondência com David Collins, no ano de 1803. Este governador britânico pediu especificamente que a prisão desenhada fosse circular, obedecendo aos desenhos já elaborados, mas no verso da sua carta, esboça um desenho que se assemelha a um panóptico com geometria quadrangular [Fig. 3]. Conjeturar o que Collins pensou acerca da forma do panóptico, não indica o porquê da sua planta ser circular. O objetivo deste espaço relaciona-se com a reforma do sujeito e para tal, este precisa de estar em vigia permanente. A centralidade acima mencionada transforma-se nesse posto, onde o responsável não apenas guarda, mas converte-se em parte integrante do sistema criado. Sem o vigilante, o conceito associado ao panóptico não existe, apenas a construção. O posto central deverá poder ver o interior de toda a cela e o condenado que a ocupa, pelo que esta tem de estar situada defronte e segundo o esboço de Collins, a planta quadrangular não permite essa visibilidade em algumas das celas [Fig. 4].

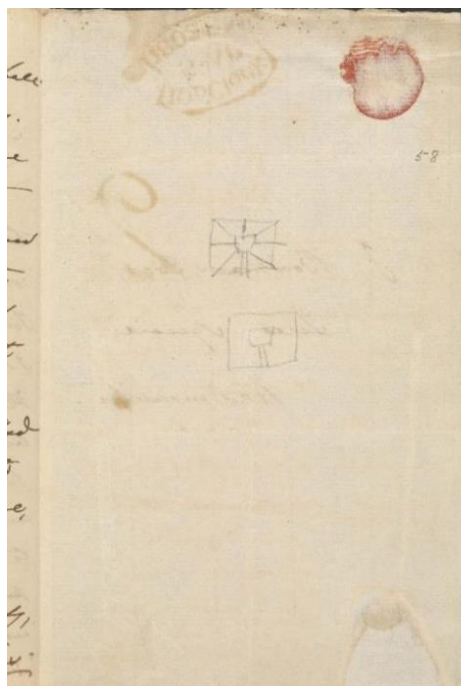


Figura 3 – Esboço numa carta de David Collins a Jeremy Bentham, 4 de abril de 1803. Fonte: UCL Special Collections

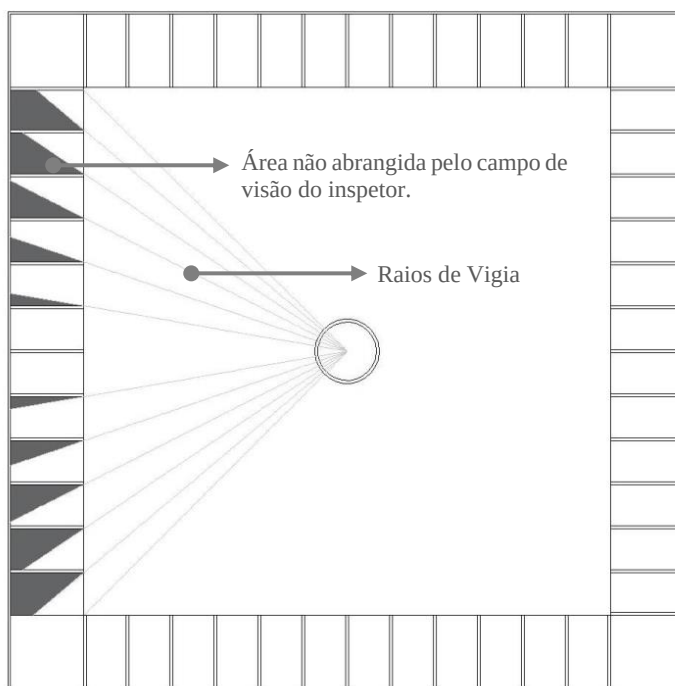


Figura 4 – Estudo de planta quadrangular e conceito panóptico associado, com destaque de áreas protegidas visualmente. Fonte: Autor

(copy) 56 Beaumont Street } 59
4th April 1803 }

My dear Sir

Will you do me the honour to accept this in lieu of a personal farewell. I propose leaving Town on Thursday evening, and imagine I shall soon after depart for the place of my destination. I have lately been so occupied with both public and private concerns, as to prevent me waiting on you to receive the hints for my pursuing the Panopticon System, which you was so good as to say you would prepare for me. Be assured that my Prison shall if possible be a circular one.

I sincerely hope you have escaped the contagion of the Times, and request you to be assured that I shall anxiously search the public Journals, in the hope of finding your system at length carried into effect.

It will at all times afford me matter of gratification to hear of your health and welfare, being with much truth

my Dear Sir
yours very sincerely
David Collins

"(...) as to prevent me waiting on you to receive the [ilegível] for my pursuing the Panopticon System, which you was so good as to say you would prepare for me. Be assured that my prison shall be if possible a circular one."¹

Figura 5 – Carta de David Collins a Jeremy Bentham e excerto transcrito, 4 de abril 1803.
Fonte: UCL Special Collections

¹Nota de tradução: "(...) a ponto de me impedir esperar receber [ilegível] para a minha insistência no Sistema Panótico, que foi tão prestável (Bentham) ao dizer que prepararia para mim. Tenha a certeza de que a minha prisão deve ser, se possível, circular."

Il est démontré mathématiquement qu'on ne peut obtenir aussi complètement une inspection constante des prisonniers, tout en la soustrayant à leur observation, par aucune autre combinaison de bâtiments que par celle qui les dispose en rayons autour d'un centre d'observation.² (Cunningham, 1828, p. 51)

O alojamento do vigilante, a central panótica ou simplesmente, a torre de vigia, foi pensada como o elemento de controlo autoritário sobre todo o espaço. Se por um lado, o objetivo passava por ver os prisioneiros em qualquer circunstância, o responsável de vigilância não deveria nunca ser visto.

Uma falsa omnipresença combinada com uma presença física e real. Este pormenor marcaria a diferença no processo que se pretendia implantar no panótico, pois o vigilante ao não ser visto, o prisioneiro nunca saberia dizer ou não, se estava a ser vigiado naquele momento, e sem o saber, manteria a sua conduta irrepreensível. O posto de vigia deveria ser capaz de esconder quem estivesse no interior, sem nunca permitir que a posição do responsável fosse denunciada. Daí o uso de janelas venezianas, persianas ou *brises-soleil*. A altura deste posto iria variar com o número de pisos do panótico e o acesso poderia ser feito por um túnel oculto ou pela área intermédia, e uma vez no seu interior, o sujeito assumia o papel que faria dele não apenas mais um participante do panótico, mas o espelho do poder concentrado num único indivíduo. Aquele que poderia transportar o seu olhar para qualquer ponto do espaço, transportando-se a si mesmo para um qualquer cenário que cada uma das celas representava, transformava-se num prisioneiro da estrutura sob vigia. São, portanto, dois os princípios que definem o panótico: a disposição estratégica do posto de vigia e, simultaneamente, a eficácia de este ser invisível, o olho que vê sem ser visto.

²Nota de tradução: “Está demonstrado matematicamente que não é possível obter completamente uma inspeção constante dos prisioneiros, e que estes fiquem alheios à sua observação, por nenhuma outra combinação de edifícios para além daquela que tem as celas dispostas em raio ao redor de um centro de observação.”

Jeremy Bentham levou à exaustão a questão do panótico. Cada dimensão, os materiais, os elementos, o vestuário, as rotinas e os horários, as áreas comuns e a simbólica do espaço para quem o habita, quem o visita e até para o exterior, foram temas amplamente trabalhados. Tratava-se da descrição de uma máquina e do seu funcionamento. O panótico existiu na mente do seu criador, mesmo antes de ocupar o seu lugar no mundo e toda a sua composição foi calculada. Nada existe sem propósito e nada se apresenta sem função. Se faz parte deste lugar, faz parte de todo o mecanismo que este representa: é um templo de racionalidade que guarda em si o cúmulo do explícito. Nada é obscuro, nada se pode esconder e cada elemento justifica-se pela constituição do todo.

Cada cela é pensada para um detido, para uma criança, para um paciente ou para um operário, de modo a que o processo de correção/vigia seja eficaz. Separar os prisioneiros terminaria com os riscos de influência entre estes (causa de motins), diminuiria a propagação de doenças e tornaria o trabalho de vigia simplificado. As crianças teriam comportamentos exemplares, pois estariam confinadas num espaço sozinhas, em que não seria possível conversar ou distrair-se com os restantes, assim como o operário que se tornaria eficiente por estar mais focado no seu trabalho. No caso de um hospital, seria mais fácil de controlar a propagação de doenças e de vigiar cada paciente mais eficazmente em caso de intervenção urgente. A porta é substituída por um gradeamento e na parede exterior do edifício existe um pequeno vão. Esta janela permite a entrada de luz necessária para que se possam ver as ações do prisioneiro, sem que este se possa esconder na sombra.

Existiriam duas ligações entre o vigilante e o vigiado: visual e acústica. Além do vigilante poder estar a olhar diretamente para cada cela, sem ter de se mover desnecessariamente, todas as celas teriam uma ligação com um tubo metálico através do qual cada ordem pudesse ser ouvida pelo prisioneiro. Este detalhe foi rapidamente descartado da construção panótica, pois não seria possível fazer-se ouvir apenas quando necessário, e os ocupantes das celas saberiam o que se passaria no interior da torre de vigia. Os habitantes do panótico deveriam ter as comodidades mínimas necessárias para que se tornassem sujeitos decentes e redimidos, para talvez serem reintroduzidos na sociedade, mas não mais do que isso. Seria imperativo que cada um deles conseguisse ser passivo o suficiente para mostrar o comportamento desejável. A submissão era uma qualidade, mas por outro lado, o pavor que se tem de uma

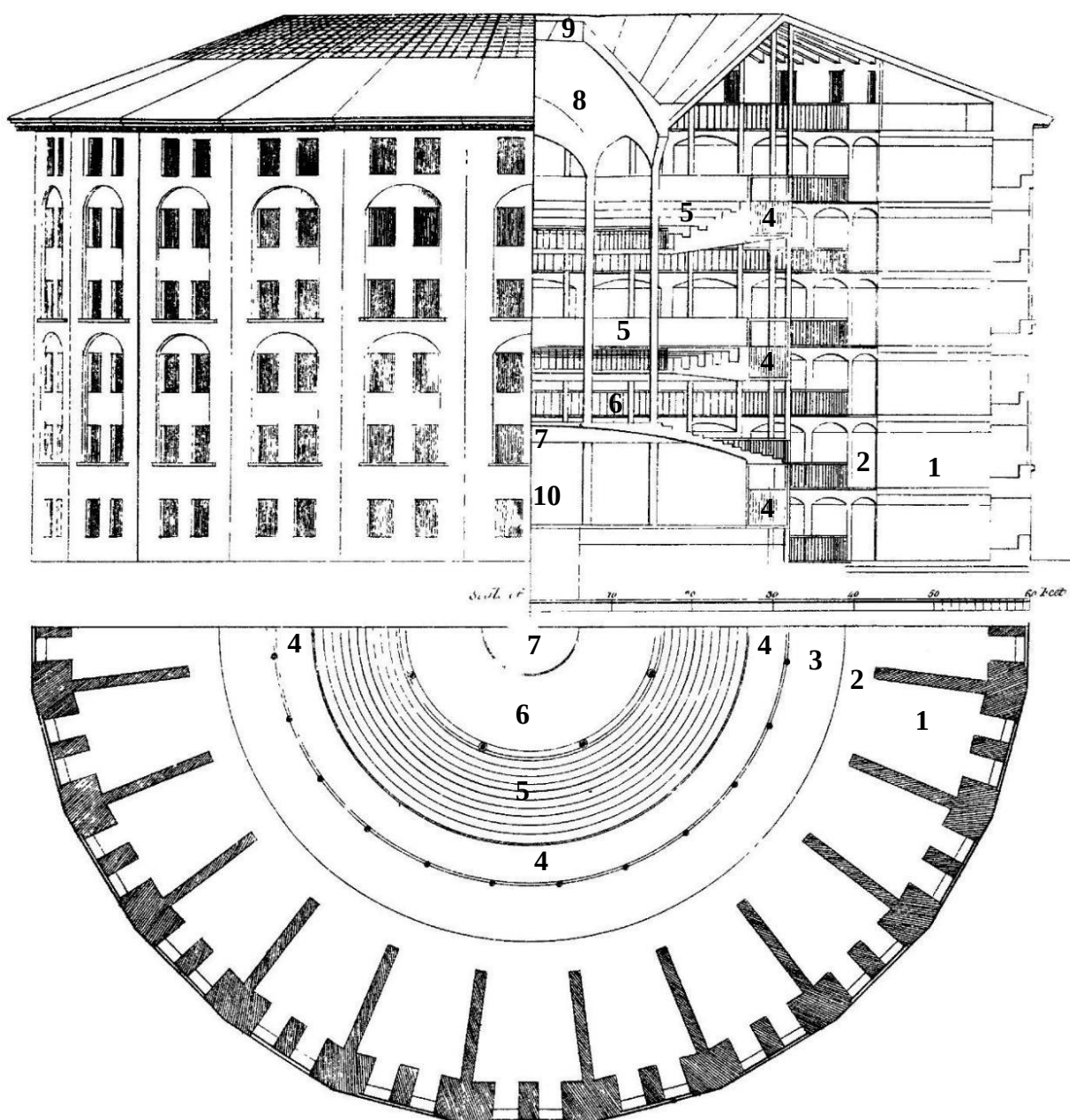
prisão não deveria sobrepor-se à ideia de que o espaço era destinado para a reforma pessoal; a ‘massa humana’ torna-se plástica e não agreste.

Mas é a detalhada análise ao desenho do arquiteto Henry Willey Reveley [Fig. 6], que revela como na prática as funções foram distribuídas de acordo com os planos inicialmente escritos. A planta do panótico que nos traz criada por Bentham, tem forma circular, com cerca de 36 metros de diâmetro, e distribui 24 celas por piso, ao longo de 6 pisos. A respetiva entrada é feita por um túnel oculto (subterrâneo neste caso) que leva o sujeito diretamente ao centro do edifício num piso abaixo de toda a estrutura: o alojamento do inspetor. Com um raio de cerca de 9 metros, encontra-se o anel de vigilância. Aqui, os inspetores podem distribuir-se e fazer patrulhas circulares de vigia, em que o fosso os separa da galeria de acesso às celas. A máquina de vigilância mostra-se competente na sua função, mas a vigia não está no centro. Bentham idealiza o centro como uma capela. No volume 1 em *The Works of Jeremy Bentham*, a presença da figura central é esclarecida e justificada, tal como os restantes elementos que compõem o espaço.

(...) he would be known to them as their daily benefactor, who watches over the progress of their amendment, who is the interpreter of their wishes, and their witness before their superiors. As their protector and instructor, as a friend who consoles and who enlightens them, he would unite all the titles which can render him an object of respect and affection.³ (Bowring, 1843, p. 500)

A religião, enquanto dever sagrado, ocupa nesta fase, a posição central no interior da prisão. Deus, que representa o que se teme e o que se anseia, é a figura ubíqua que assume o duplo papel de guarda e de protetor. Os prisioneiros não teriam de sair das celas para procurarem o consolo que muitas vezes é trazido pela oração e, da mesma forma, estes mesmos prisioneiros poderiam sentir a repreensão de Deus, nos atos perversos que pudessem planear cometer. Junto deles, está o polícia que julga e o pai que protege. No centro do panótico, está a autoridade máxima que vigia os prisioneiros nas celas e os vigilantes imediatamente a seguir a estes. Num panótico não existe um sujeito que não seja alvo da vigilância intencional.

³Nota de tradução: “(...) ele (Deus) seria conhecido por eles como o seu benfeitor diário, que vigia o progresso da sua remissão, que é o intérprete dos seus desejos, e a testemunha perante os seus superiores. Como seu protetor e instrutor, como um amigo que os consola e que os ilumina, uniria todos os títulos que podem torná-lo num objeto de respeito e afeição.”



- 1 – Cella
- 2 – Galeria das Celas (circulação em frente das celas)
- 3 – Vazio Circular (fosso/passagem de luz, circulação de ar e desvinculação no piso)
- 4 – Galerias de Inspeção (Vigilância por piso)
- 5 – Galerias da Capela (área de orações)
- 6 – Capela
- 7 – Abertura Circular (com o propósito de iluminar o alojamento do inspetor)
- 8 – Cúpula da Capela
- 9 – Claraboia
- 10 – Alojamento do Inspetor

Figura 6 – Planta, Corte e Fachada do Panóptico, elaborados pelo arquiteto Henry Willey Reveley, de acordo com as instruções de Jeremy Bentham, 1791.

Fonte: www.digitalpanopticon.org/

Ao contrário do que Jeremy Bentham poderia desejar, a prisão panóptica não se tornou uma construção largamente reproduzida, mas apesar de raros, existem alguns exemplos que foram conduzidos pelos desenhos originais. As variações do modelo são diversas e cada uma das seguintes partilham os mesmos aspetos: espaço destinado à clausura e uma facilidade na vigilância de todo o espaço, sendo estes o denominador comum. No entanto, a procura de qual poderá ter sido o primeiro modelo a ser fiel aos desenhos de 1781 origina discussões, pois, quais são os detalhes que fazem da construção a concretização do conceito?

São muito poucos os exemplares panóticos totalmente representativos do conceito e cada um merece ser listado abaixo por particularidades que os destacam dos restantes. Segue-se uma ordem cronológica pela data de construção de cada um, e enfatizam-se as características que fazem destes objetos dignos de ser designados como panóticos.

Prisão de Santo Stefano, 1795 (desativada, em abandono)

É em Itália que se encontra aquele que pode ser considerado o mais antigo panótico construído. Ainda no séc. XVIII, na ilha de Santo Stefano, é construída uma prisão de carácter singular face às restantes prisões do país. Com o acesso condicionado, por via marítima, a prisão de Santo Stefano é a resposta construída aos desenhos de Bentham. As alterações deste modelo são notórias, mas não se distanciam da função do espaço perante o objetivo a que este se propõe. Não existe cobertura em todo o recinto (excetuando nas celas) e a planta não assenta num círculo como inicialmente pensado, mas sim numa elipse excêntrica rematada por um bloco paralelepípedo (a fachada principal). O centro, à semelhança do original, não comprova que fosse utilizado para a vigia, mas sim como capela. A inexistência, ou difícil acesso, a registos que pudessem justificar tal função ser central em todo o espaço, abrem apenas lugar a conjecturas. Numa época em que a Igreja não fazia pedidos, mas sim ordenava, esta deveria impor a presença da religião em todos os momentos mundanos, e ocupar um lugar tão privilegiado no espaço faz do centro sagrado, aquele que todos devem olhar a qualquer instante, tal como ao mesmo tempo, distanciar-se do caminho dos imorais. Aqui, *o olho que tudo vê* não é o de um homem, mas sim o de Deus.



Figura 7 – Fotografia Aérea da Prisão de Santo Stefano, Ilha de Santo Stefano, Itália, 2013.
Fonte: www.alamy.com



Figura 8 – Fotografia no interior da Prisão de Santo Stefano com a capela no centro, Itália, s/d.
Fonte: www.alamy.com

Prisão de Milbank, 1812 (demolida)

No início do séc. XIX, os arquitetos Charles Busby e William Williams definem uma nova prisão em Londres como algo que se compara a múltiplos panóticos não circulares. Seis hexágonos distorcidos ao redor de um hexágono regular formavam a planta da prisão destinada aos criminosos que aguardavam partida para as colónias. Cada um destes polígonos continha no seu centro uma torre de vigia destinada a vigiar o respetivo perímetro, onde estava introduzida. Sete torres de vigia que trabalhavam harmonicamente para o perfeito controlo do espaço. Milbank manteve-se ativa desde 1816 até 1890, tendo sido inicialmente pensada para mulheres prisioneiras, acabando por abrir portas um ano mais tarde, a prisioneiros do sexo masculino. Quando as deportações de pessoas cessaram, transformou-se numa prisão comum e foi decretada a respetiva demolição, a qual começou em 1892 e só terminou em 1903. A prisão de Milbank é o exemplo da ambição desmedida do controlo num único local.

Independentemente da falta de registos, esta mostra-se como a prisão, com a data de construção mais antiga, que ocupa os seus centros com torres de guarda com a exclusiva função de vigiar os perímetros.

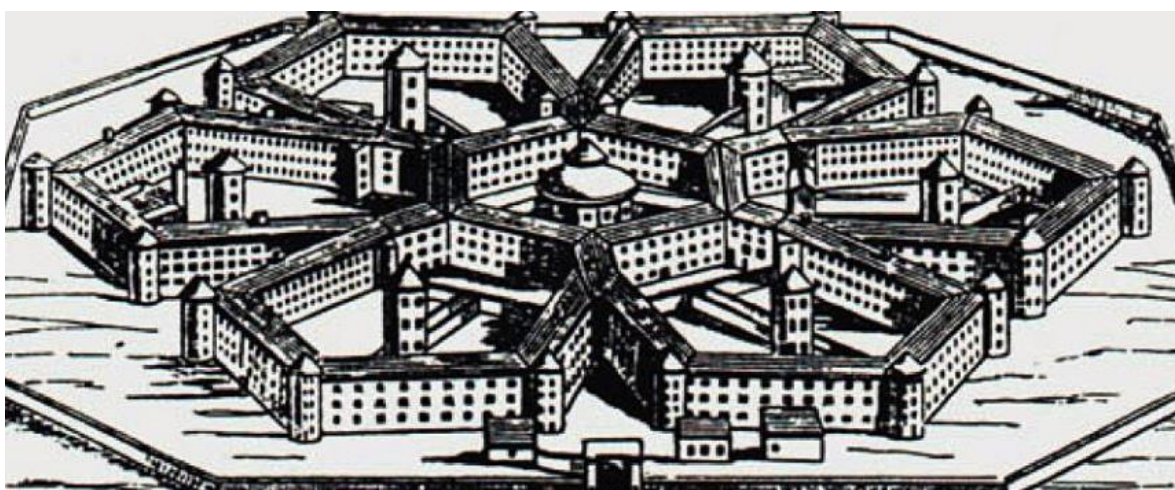


Figura 9 – Gravura da Prisão de Milbank, Londres, Inglaterra, 1816-1890.
Fonte: www.institutionalhistory.com

Round House, 1831 (desativada, atração turística)

A Round House, na Austrália, foi uma prisão do séc. XIX que teve como objetivo encarcerar os colonos e indígenas australianos, os *Yagan*. O arquiteto Henry Willey Reveley, responsável pelos desenhos de Jeremy Bentham, ficou encarregue desta obra que, distanciando-se dos planos originais, apresenta uma estrutura de pedra com diâmetro de 20 metros e no seu centro escava um poço que deveria servir os prisioneiros. A entrada para o edifício deveria ser feita por um túnel com 58 metros de comprimento, o que dificultava o acesso. Apesar do nome, a planta não tem a racionalidade do círculo como base e não apresenta o anel de celas que se espera num edifício destes. No seu lugar, alguns anexos laterais são câmaras de cárcere.

Maison d'Arrêt de Niort, 1853 (desativada, atração turística)

Este seria o exemplo mais antigo a assemelhar-se ao seu modelo primordial, mas a respetiva planta apenas existe num semicírculo. Os quatro pisos e a presença da torre de vigia, são cortados por um plano que é a fachada principal de todo o edifício, ao mesmo tempo que no seu interior a vigia funciona num ângulo de 180°. Esta é considerada, a primeira prisão panótica de França [Fig. 11].

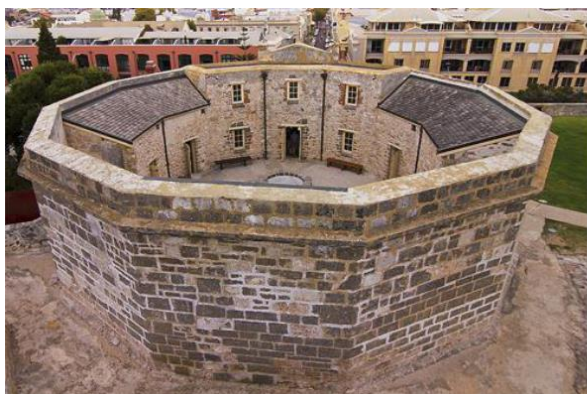


Figura 10 – Fotografia da Round House, Fremantle, Austrália, 2019 (ano de construção 1831).
Fonte: www.alamy.com



Figura 11 – Fotografia da Maison d'Arrêt, Niort, França, 2010 (ano de construção 1853).
Fonte: www.lanouvellerepublique.fr

Prisão Circular de Autun, 1855 (em processo de reabilitação para função museu)

A primeira prisão que se regista como simultaneamente coberta e inteiramente circular, localiza-se em França, e atualmente não existem vestígios de que alguma função tenha sido atribuída à área central. No entanto, o desenho original da planta da prisão mostra uma capela a ocupar este lugar. À semelhança da primeira prisão aqui enlencada, a religião foi um fator determinante na distribuição das funções. O desenho é relativamente mais simples do que o de Bentham, pois resume as áreas (do exterior para o interior em anéis) como área de ronda, celas, galeria de passagem, átrio e capela. Toda a função de apoio, está instalada num corpo de planta quadrangular que se conecta com este panóptico.

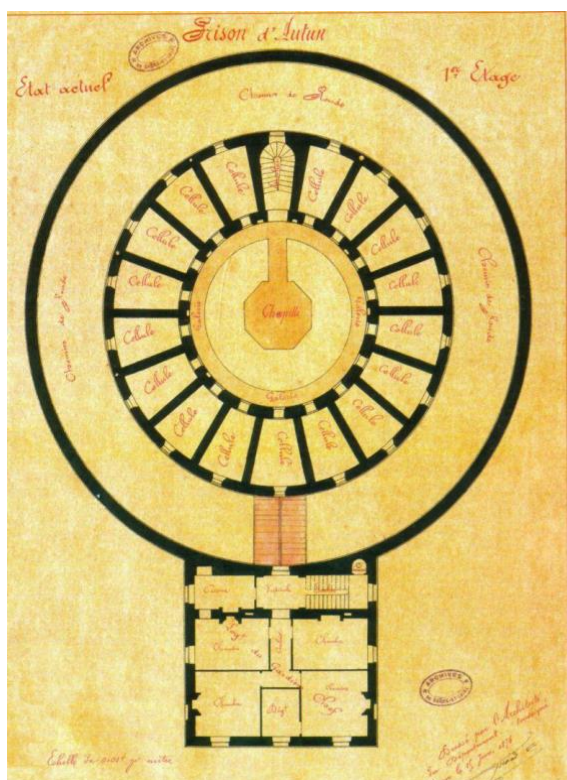


Figura 12 – Planta de Prisão d’Autun, elaborada pelo arquiteto André Berthier (1811-1873), 1953.
Fonte: www.france3-regions.francetvinfo.fr



Figura 13 – Fotografia Aérea da Prisão d’Autun, França, 2016.
Fonte: www.france3-regions.francetvinfo.fr

Koepelgevangenis Breda, Arnhem e Haarlem, 1886-1901 (atrações turísticas)

Mais de 100 anos depois de Bentham, os desenhos do panótico estavam longe de ser esquecidos. Na Holanda, o modelo foi reproduzido por três vezes em locais distintos. A prisão de Breda (1886-2013), a prisão de Arnhem (1886-2016) e a prisão de Haarlem (1901-2016) fechadas recentemente, não possuem todas as características chave de um modelo panótico. A *koepelgevangenis* (prisão em cúpula) obedece à regra das proporções originais e todo o sistema funcionava como previsto no modelo. Não obstante, a vigia não se encontrava numa estrutura central. A inspeção era feita nas galerias junto às celas, ao longo dos quatro pisos, e a área central era utilizada como pátio e área de convívio, destinada aos prisioneiros.

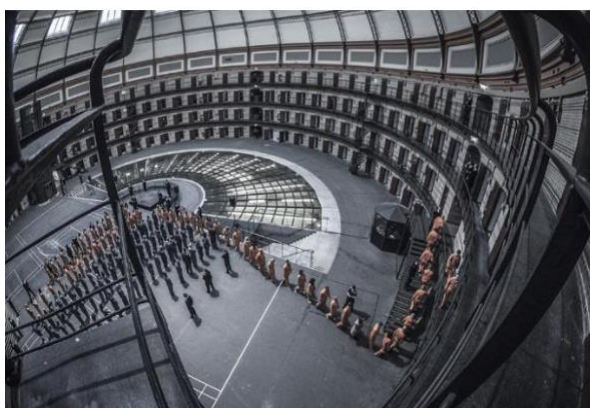


Figura 14 – Fotografia da Prisão de Breda (durante uma simulação num jogo Escape Prison), Holanda, 2016.

Fonte: www.alamy.com

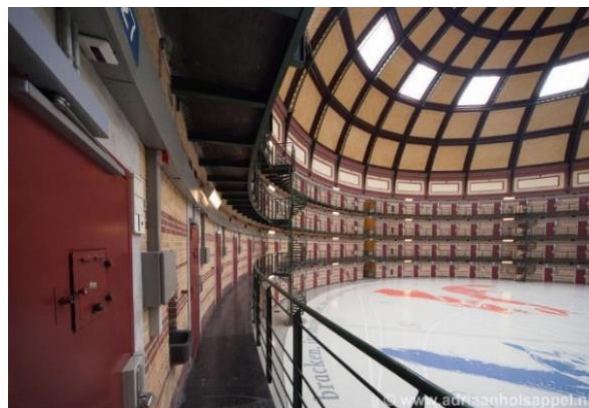


Figura 15 – Fotografia da Prisão de Harlem, Holanda, 2018.

Fonte: www.alamy.com

Centro de Correção de Stateville, 1925 (desativada)

A prisão de alta segurança em Stateville, é a morada dos mais perigosos criminosos no estado de Illinois, nos EUA, e é imensamente conhecida, pois ao contrário das anteriores listadas, manteve-se em funcionamento até muito recentemente (novembro de 2016). Por este motivo, a vida no interior deste panótico foi documentada através de registos escritos e em documentários que tornaram mais transparente a visão de quem está do lado de fora da *Round House*, como era intitulada pelos que nela viviam e trabalhavam. Construtivamente, é fiel ao modelo de Bentham, e coloca o vigilante numa estrutura central e, conceptualmente, esta prisão é um sucesso no que diz respeito ao seu objetivo. Viver nesta prisão, foi um teste de sobrevivência a muitos dos reclusos, facto intensificado pelas suas naturezas violentas e pela pouca distração que o espaço proporcionava. Um episódio *Surviving Stateville* do documentário *Lockdown* (2008) torna possível entender a vivência no interior da prisão, por parte dos criminosos, dos vigilantes e as relações que subsistem tanto entre estes, como com o exterior.

O confinamento nas celas era constante e obrigatório, mas muitas vezes, desejável. Uma das formas de um prisioneiro se proteger de outro, ou de evitar ser o alvo de um ataque, era ficando na sua cela, onde tinha tudo o que precisava, como por exemplo, as refeições, entregues em caixas de polistireno, através de uma abertura na sua porta gradeada. Algumas celas chegavam a ser partilhadas, um dos receios de qualquer habitante nesta prisão, que nunca sabe se o companheiro de cela representará um perigo, no único espaço onde se encontra segurança.

A privacidade nas celas é mínima, tal como planeado para este edifício, mas existiram constantes tentativas por parte dos encarcerados para a conseguir, principalmente devido à sua higiene e, apesar de proibido, de relações sexuais com os companheiros de cela. Um dos prisioneiros, Jericho Jones, número de prisioneiro B82112, mostra de modo descontraído no documentário, como pendura um lençol entre o beliche e um aplique na parede para conseguir privacidade na realização da sua higiene pessoal. Do mesmo modo, outro prisioneiro explica como é possível a existência de muita atividade homossexual nestas celas, sem ser exposto, devido à arquitetura de todo o espaço. Ao reconhecer o edifício como único e de características singulares, admite conseguir colocar-se na cela como alguém que está apenas deitado e olhar diretamente para o guarda que patrulha as galerias, num nível

mais abaixo. Para um vigilante verificar o que realmente se passa dentro da cela, teria de subir as escadas e aproximar-se, deixando tempo para que o prisioneiro o visse. Esta falha na vigilância acontece, porque as galerias de piso não costumam ser patrulhadas. A vigia concentra-se na torre central e no piso térreo.

A torre central é o símbolo de poder nesta prisão, tal como se espera. Os prisioneiros temem-na e os guardas agradecem a sua presença. Quando algum motim acontece nas áreas comuns do piso térreo, o vigilante na torre identifica imediatamente e dispara tiros de advertência, conseguindo cessar a revolta. Os ataques a guardas também são comuns, pelo que a proteção destes é a existência da torre. Um vigilante, identificado como Sargento Baldwin, afirma claramente que a torre é o homem que o leva para casa: *“that tower is the guy that’s gonna get me home”*. (Smith (Prod.), 2008, 11:02)

Apesar da interação entre celas ser proibida, os prisioneiros encontram formas de o fazer quando assim o pretendem. Para poder espreitar o que se passa nas galerias de vigilância ou se algum guarda se aproxima, utilizam espelhos e quando pretendem passar entre celas objetos que podem ser confiscados criam, por exemplo, tiras de tecido com lençóis da cama fazendo-as chegar às celas contíguas. São variadas as formas como os que vivem nestas celas arranjam para conseguir o que pretendem, mas ao relembrar que muitos deles ficam encarcerados constantemente, o tempo dá lugar à imaginação. Cada cela, é uma casa que passa a ser sua.

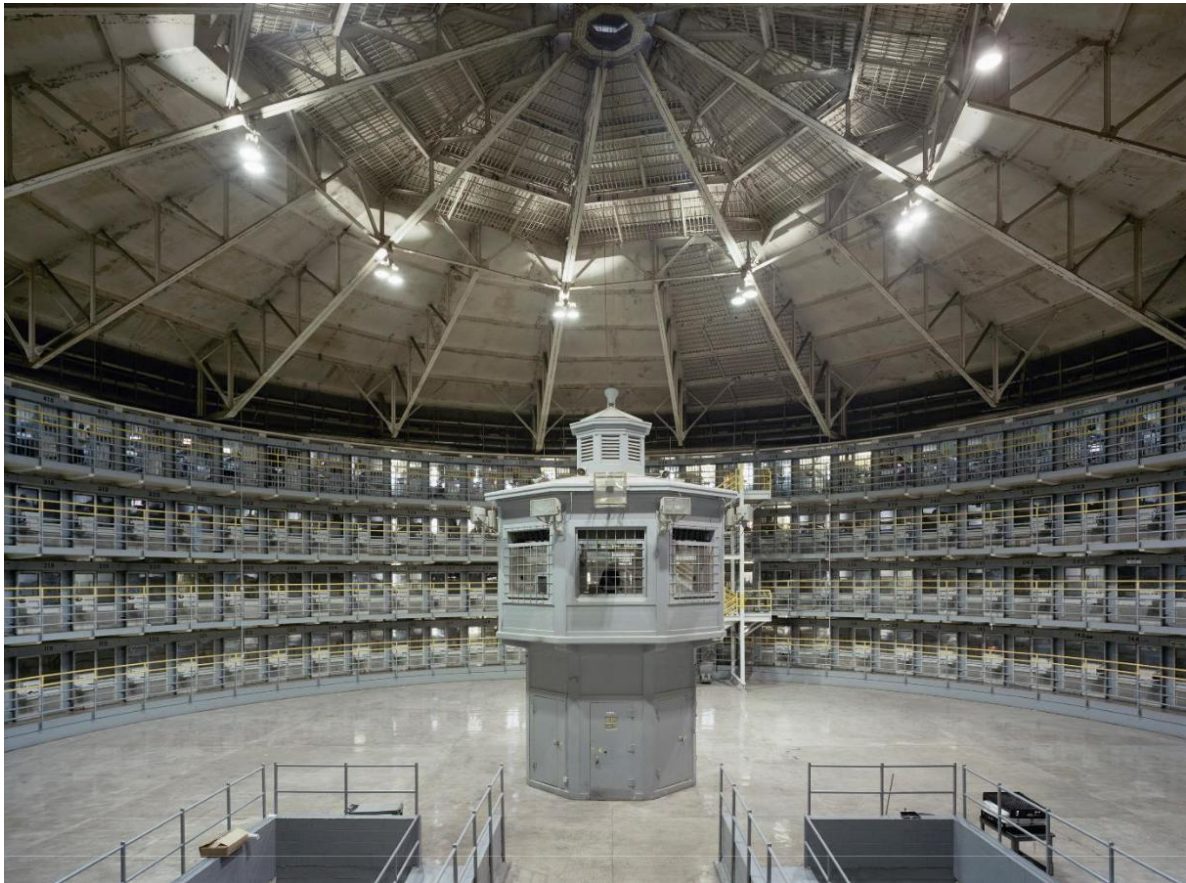


Figura 16 – Fotografia do Centro de Correção de Stateville, Crest Hill, Illinois, EUA, s/d.
Fonte: www.alamy.com

Um dos interesses de uma temática que é discutida há mais de dois séculos, reside no quanto esta se consegue manter atual e ser abordada em contexto de discussão nos tempos modernos. Não se trata do elemento físico descrito acima ou do espaço que este encerra em si, mas sim do conceito que está por detrás da criação e do que este representa numa sociedade que, aparentemente, estaria acima do uso de ferramentas desumanas.

Michel Foucault, aplica exaustivamente o conceito panótico como um sistema de vigilância reproduzido desde há séculos, apenas não sob a forma de prisão circular. O conceito existe nas sociedades que pretendem a distribuição igualitária dos corpos, podendo estes ser controlados individualmente enquanto são adocicados como uma massa – os corpos dóceis – que é sujeita à tirania de um olho invisível. É um esquema, alerta Foucault, de exercício de poder, que faz reduzir o número daqueles que o exercem, e consequentemente, multiplica o número daqueles sobre quem é exercido. Torna-o organizativo e eficaz, com um carácter preventivo e de reforma social.

3. O Pavilhão de Segurança do Hospital Miguel Bombarda

3.1. Notícia Histórica e Contexto Local

O único panóptico em Portugal de características fiéis ao conceito de Bentham, apesar de um tanto distanciado nos detalhes construtivos, situa-se no recinto do atual Hospital Miguel Bombarda. Ao contrário dos anteriores, a construção deste edifício não se iniciou pela necessidade de existir um novo espaço exclusivamente destinado ao encarceramento, mas à semelhança do original de Bentham, pelas necessidades de uma época que clamava por uma resposta face aos problemas que tinha com um determinado tipo de sujeitos, os *alienados*. Um alienado, toma-se como sendo aquele que de alguma forma está alheio à sua realidade circundante, dando como exemplo, alguém que sofra de um desequilíbrio mental. É importante salientar que numa determinada época, um alienado pode ser considerado aquele que não se enquadra nas normas padrão da sociedade em que vive, como exemplo, um indivíduo homossexual no século XIX. Nos dias de hoje, a psiquiatria é vista como o ramo da medicina que diagnostica e trata aquele que sofre de uma patologia mental, mas há dois séculos, um doente mental não tinha um estatuto equivalente ao de uma pessoa que sofresse uma patologia física. Consoante o seu comportamento, poderia ser um louco, se agredisse os outros seria um louco agressivo ou se cometesse crimes seria um criminoso, e como tal, iria para a prisão. Um louco infrator, seria tratado como qualquer outro que transgredisse as regras e alguém meramente louco, nunca viria a receber tratamento adequado de acordo com a patologia que sofresse, pois não existia um lugar para estes. Portugal não viu o seu primeiro hospício até ao ano de 1848, na antiga Quinta de Rilhafoles.



Figura 17 – Carta da Cidade Lisboa com identificação da localização do Convento de Rilhafoles, 1833.
Fonte: www.davidrumsey.com/

Relembrando que os séculos anteriores foram marcados pela presença constante da religião em aspetos sociais, políticos e até económicos e, acentuando que Lisboa sempre se mostrou uma cidade profundamente católica, a carta da cidade evidencia o número de construções que existem para atender as necessidades religiosas dos fiéis assim como ser a morada para as diversas ordens religiosas instauradas no país. A Congregação da Missão de São Vicente de Paulo, uma de tantas ordens religiosas, adquire em 1720 a Quinta de Rilhafoles, e inicia a construção do primeiro edifício que dura cerca de vinte anos. Localizada a norte do Campo Mártires da Pátria, antigo Campo Sant’Ana ou Campo Santana [Fig. 17], Rilhafoles usufruía de uma localização privilegiada face às restantes igrejas e conventos da cidade, aquando o terramoto de 1 de novembro de 1755, isto por não estar envolvida na malha urbana que ficou desfavorecida por estar perto do rio ou sujeita aos incêndios que se seguiram. Sabe-se muito pouco da restante história da Quinta de Rilhafoles até ao ano de 1835, quando, com a extinção das ordens religiosas, o Real Colégio Militar ocupou as instalações, para as deixar novamente e reinstalar-se em Mafra. Em meados do século XIX, todos os que sofriam de patologias mentais tinham uma fraca assistência dada no Hospital de São José e, durante anos, esteve em discussão qual seria o melhor lugar para inaugurar um hospital que preenchesse os requisitos de capacidade pretendidos. Quando o antigo Convento de Rilhafoles ficou desocupado, surgiu como uma opção válida e favorável pois, para além da estrutura do edifício aparentar boas condições, a capacidade seria para cerca de 300 pacientes. Iniciaram-se as adaptações no antigo convento para que pudesse ser dada a assistência direcionada às necessidades de um hospital psiquiátrico. Em 1848, o Hospital de Rilhafoles abre portas aos pacientes que tanto precisam de tratamento curativo, como de permanecer num espaço com profissionais que os vigiem de perto. No ano de 1850, todos os alienados tinham sido já transferidos para o novo hospital.

Foi uma mudança há muito esperada que chegou com o apoio de várias partes. A sociedade que viu com agrado um local para internar aqueles que não deveriam estar soltos, os profissionais médicos que puderam desenvolver as suas práticas de apoio ao tratamento mental, apesar de considerado obscuro por muitos, e inclusive por parte de figuras mais ilustres, como o Duque de Saldanha, que financiaram em parte, as obras de adaptação. Em 1853, o sucesso deste hospital era visível e uma nova construção foi feita: um balneário para banhos terapêuticos que teria como objetivo o apoio ao tratamento administrado. A construção do Balneário D. Maria II, rainha que o inaugurou, aumentou consideravelmente a procura de pacientes que sentissem a necessidade de ser tratados, mesmo que apenas para os banhos, e daí consequentemente o aumento de internados. À data de 1880, o Hospital de Rilhafoles contava com mais de 500 pacientes em regime de internamento. Apesar do minucioso planeamento do hospital, nada fazia prever a afluência de pacientes que iriam ser internados imediatamente nas primeiras décadas e rapidamente, as cómodas condições não foram suficientes para a sobrelotação que se seguiu. Lisboa viu o problema da saúde mental resolvido quando criaram o manicómio da cidade, mas dentro deste, outro problema se agravava. No ano de 1892, Miguel Augusto Bombarda, um político republicano e médico especialista no sistema nervoso, assume o cargo de diretor do Hospital de Rilhafoles. Com ele, chega uma nova visão de como o hospital deve ser gerido e quais as respostas a serem dadas imediatamente às necessidades de todo o espaço e de quem está internado.

Cenários arquitetónicos num palco psico-comportamental

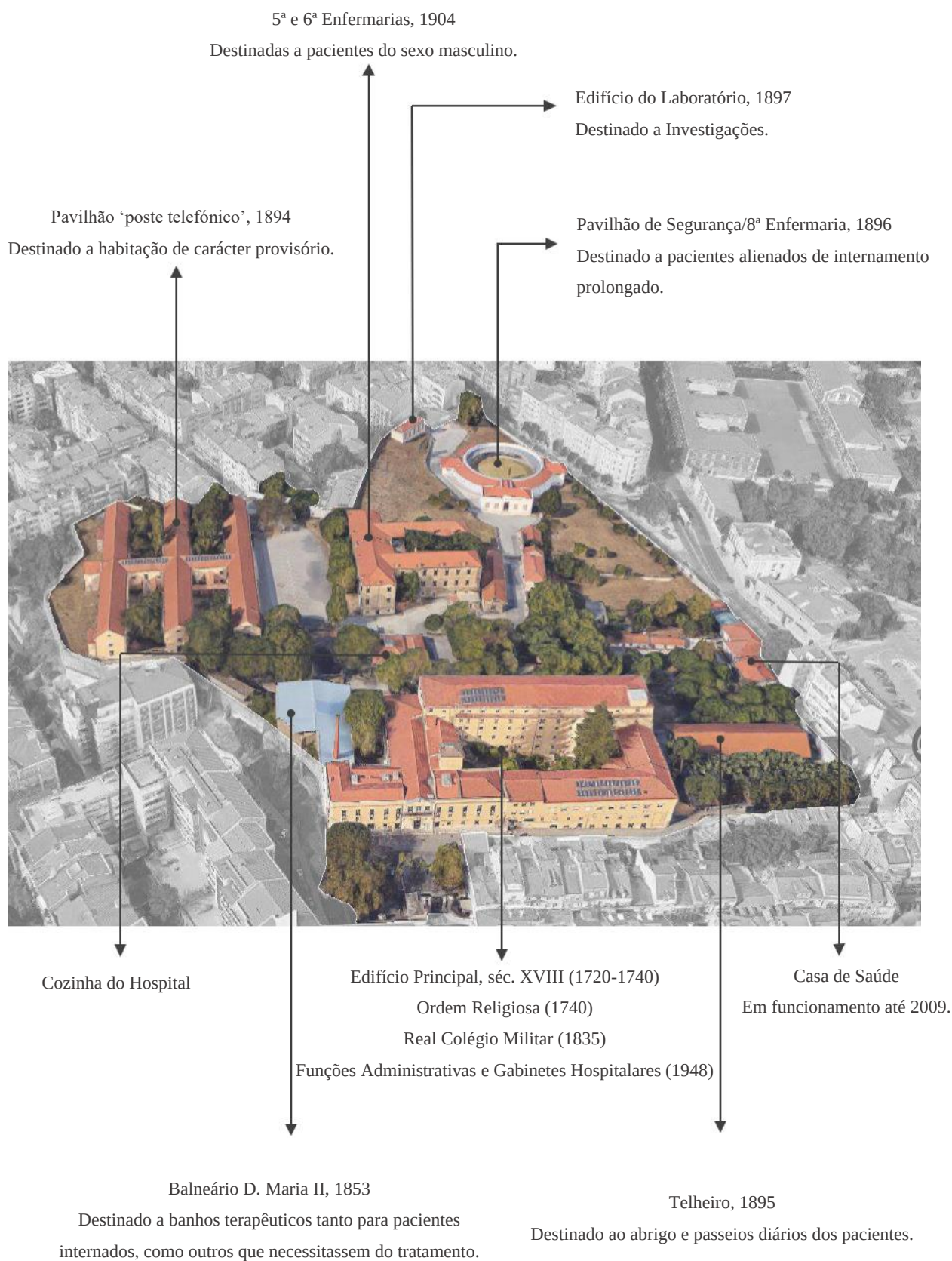


Figura 18 – Vista Aérea do Hospital Miguel Bombarda, Lisboa, 2019.
Fonte: www.google.pt/maps

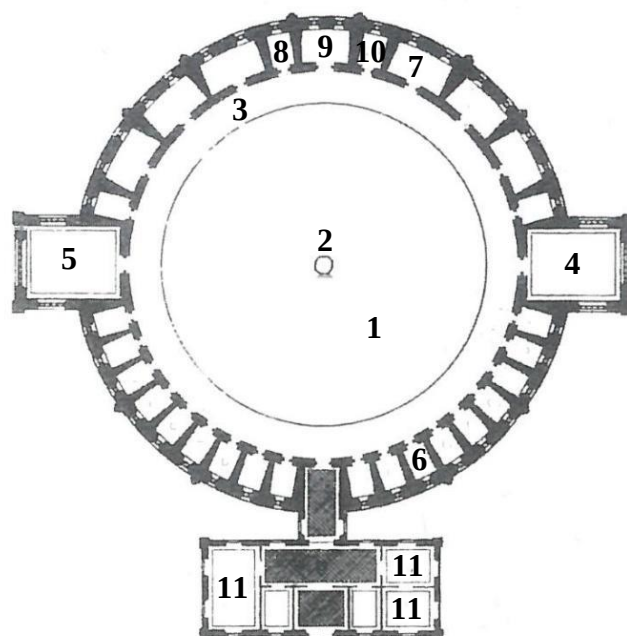
3.2.A Casa dos Alienados

A viragem para o século XX, é marcada pelas construções que Miguel Bombarda planeou para o recinto hospitalar, de modo a combater os problemas que enfrentava, devidos ao excesso de pacientes. Um dos edifícios pensados pelo diretor, deveria ter a função de enfermaria-prisão e conter os pacientes que fossem violentos ou que viessem transferidos da penitenciária: um pavilhão de segurança. Esta 8ª Enfermaria onde os pacientes ficariam internados, com vigia constante por parte de enfermeiros, com fácil acesso a um gabinete médico e à respetiva medicação, se necessário, deveria ter celas individuais e dormitórios partilhados, uma área comum onde pudessem partilhar conversas e atividades, e de acordo com os registos de Bombarda, uma rotina que mantivesse o espaço em ordem, apesar dos ‘agitados’ que estariam destinados a este edifício. (Bombarda, 1894, p. 14) O Pavilhão de Segurança que Miguel Bombarda pretende encomendar viria a ser um símbolo de toda uma estratégia de gestão hospitalar conciliada com a investigação em psiquiatria, a especialidade que o aliciava. O médico distribuía assim o seu tempo entre a análise de pacientes e o melhoramento das instalações já existentes, assim como na criação de novos espaços. Antes da sua entrada como diretor, a taxa de mortalidade ultrapassava os 20% anuais, os pacientes mais agitados ficavam amarrados durante dias, em espaços confinados e sem luz, e muitas vezes, sem receber vistorias médicas por meses. Rilhafoles parecia estar a tornar-se nas masmorras da Idade Média.

Decorre o ano de 1892, quando Miguel Bombarda contrata José Maria Nepomuceno, um arquiteto principalmente responsável por construções do Ministério das Obras Públicas, e encomenda a tão necessária enfermaria-prisão. Com os atributos que este espaço deveria ter, o arquiteto apresenta a ideia de um pavilhão circular, cujas celas têm a entrada dirigida para o centro, onde deveria estar um posto de vigia para facilitar a inspeção constante destes pacientes e com gabinetes de apoio a toda a estrutura. Nepomuceno desenha e apresenta um panótico [Fig. 19].

HOSPITAL DE RILHAFOLLES PAVILHÃO DE SEGURANÇA

PLANTA



FACHADA



- 1 – Pátio
- 2 – Posto de Vigia
- 3 – Alpendre
- 4 – Sala de Reunião
- 5 – Refeitório
- 6 – Células
- 7 – Dormitórios
- 8 – Retrete
- 9 – Banhos
- 10 – Urinóis
- 11 – Quartos de Empregados, Arrecadações e Salas de Visitas

Figura 19 – Planta e Fachada do Pavilhão de Segurança elaboradas pelo arquiteto José Maria Nepomuceno, 1892.
Fonte: Freire, Vítor Albuquerque (2009). *Panóptico, Vanguardista e Ignorado: O Pavilhão de Segurança do Hospital Miguel Bombarda*. Lisboa: Livros Horizonte

A enfermaria-prisão situa-se na extremidade norte de todo o recinto hospitalar, posição que concorda com a finalidade de distanciar os seus residentes dos restantes pacientes. Não está fisicamente ligada a qualquer outro bloco e apesar da sua localização não ser imediatamente detetada a quem vagueia pelas ruas do hospital, quando ele aparece na paisagem, fá-lo de modo imponente e elegante. Quem a vê é obrigado a observar na fachada principal o alinhamento com a alameda que se percorre. A alameda é ensombrada porque está ladeada, ora por copas de árvores densas, ora por pequenas construções de apoio como oficinas e outros anexos, mas a fachada cuja pintura branca está orientada a sul e reflete a luz, revela-se como um dos detalhes que convidam a aproximar-se. A distância percorrida altera a noção de tamanho do próprio sujeito que visita. Ao longe, ilude com a sua simetria e vãos que lembram as características clássicas, com o trabalho de cantaria em lioz, sem denunciar que esta fachada é apenas uma máscara de um interior totalmente distinto e que, ao chegar perto, a escala transforma-se: a porta central é de cota elevada face à altura do sujeito, assim como as quatro janelas que compõem este primeiro conjunto. A ornamentação é reduzida: um ressalto na área da porta e a cimalha na parte superior. Em cima da porta, um frontão retangular emoldura as palavras: PAVILHÃO DE SEGURANÇA [Fig. 20].



Figura 20 – Fotografia da Fachada Principal (sul) do Pavilhão de Segurança, HMB, 2019.
Fonte: Autor

O restante hospital ficou para trás. Aqui, entraram aqueles que foram etiquetados na sua ficha de paciente como perigosos para si e para outros, e algumas vezes, criminosos. Alguns outros, dignos de ser estudados pela natureza da sua alienação, foram também realojados neste pavilhão. O bloco paralelepípedo que anuncia a entrada, restringe em si as funções de apoio ao internamento dos pacientes, não sendo possível que estes lhe tivessem acesso sem autorização ou necessidade. O átrio neste bloco, imediatamente após a porta central, é fracamente iluminado. Em frente, uma porta dupla que conduz ao lugar dos pacientes e as laterais que são ocupadas por cinco divisões. Dois gabinetes médicos, uma arrecadação, uma pequena sala de visitas e um quarto onde os enfermeiros e auxiliares pudessem acomodar-se nos turnos noturnos. Os habitantes deste pavilhão nunca precisariam de atravessar a porta alta novamente porque qualquer necessidade médica poderia ser atendida neste bloco, à exceção dos casos cirúrgicos. A área prisional tem um único acesso: a ligação direta do bloco de planta retangular através de uma passagem em corredor e de um portão de ferro. Esta segunda entrada, não tem um carácter convidativo como a primeira e aparenta ser uma saída, ao invés de uma entrada. O gradeamento que representa o cárcere é genuíno, pois nenhum paciente pode trespassar este portão sem autorização e, uma vez atravessado, é-se um habitante numa realidade distinta do restante hospital [Fig. 21 e Fig. 22].

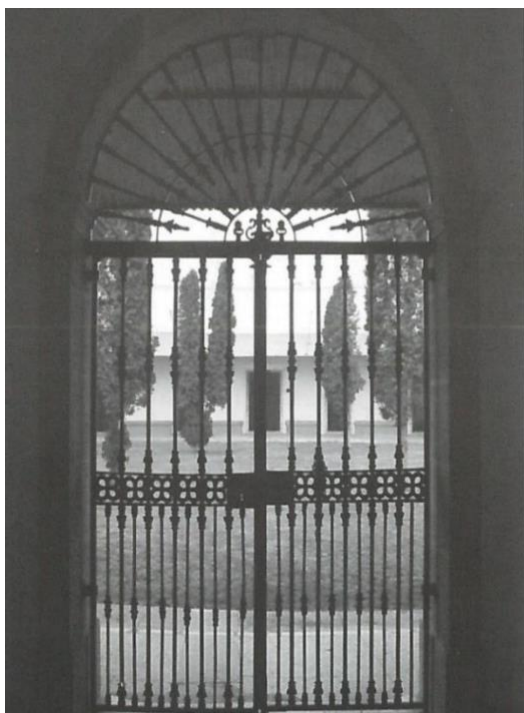


Figura 21 – Entrada de acesso ao pátio central.
Fonte: Cascais, António Fernando & Medeiros, Margarida (2016). *Hospital Miguel Bombarda* 1968. Lisboa: Documenta



Figura 22 – Fotografia de pacientes no interior do Pavilhão de Segurança, s/d.
Fonte: Exposição *Arte Outsider*, Museu Miguel Bombarda

O corpo circular é a prisão. Em planta, assemelha-se a um anel cuja periferia tem as funções inerentes à finalidade pretendida, e o interior é um pátio sem cobertura. A geometria em que assenta o desenho deste edifício comporta o traçado da racionalidade do séc. XVIII e a sintonia entre a linguagem geométrica e a função é evidente. No espaço anterior, as entradas de luz dos altos vãos, a alta porta convidativa e a simetria da fachada alinhada com a alameda, fazem do bloco de enfermaria, uma peça que comunica com o seu exterior, ao contrário do bloco circular que vive para dentro, e que simultaneamente impõe a sua presença parcialmente escondida pela enfermaria, encaixando-se no lugar que aprendeu a recebê-lo. O choque que este edifício possa ter causado enquanto forma e função, é constantemente atenuado pela habilidade que o mesmo teve de se integrar na envolvente.



Figura 23 – Fotografia do Pavilhão de Segurança na sua envolvente próxima, s/d.
Fonte: Freire, Vítor Albuquerque (2009). *Panóptico, Vanguardista e Ignorado: O Pavilhão de Segurança do Hospital Miguel Bombarda*. Lisboa: Livros Horizonte

A geometria estende-se por toda a composição do Pavilhão de Segurança, cuja organização interna é feita pela divisão de raios circulares que derivam do mesmo centro. A sul, junto ao gradeamento de entrada, foram planeadas 20 celas individuais, onde ficariam os pacientes que poderiam vir a requerer cuidados acrescidos e, no lado oposto, os 6 dormitórios partilhados. Defronte ao portão, no mesmo eixo, situados a norte, encontram-se os 3 compartimentos relacionados com a higiene designados pelo arquiteto como “banhos”, “retrete” e “urinóis”. [Bombarda, pp] A nascente, situa-se uma ampla sala de reuniões [Fig. 24], ou convívio e, alinhado a poente, e com iguais dimensões, o refeitório comum. A entrada de cada uma das divisões descritas acima encara o centro de todo o espaço com 32 metros de diâmetro, um vazio que ao longo dos anos, mudou a forma de viver de todo o bloco prisional.

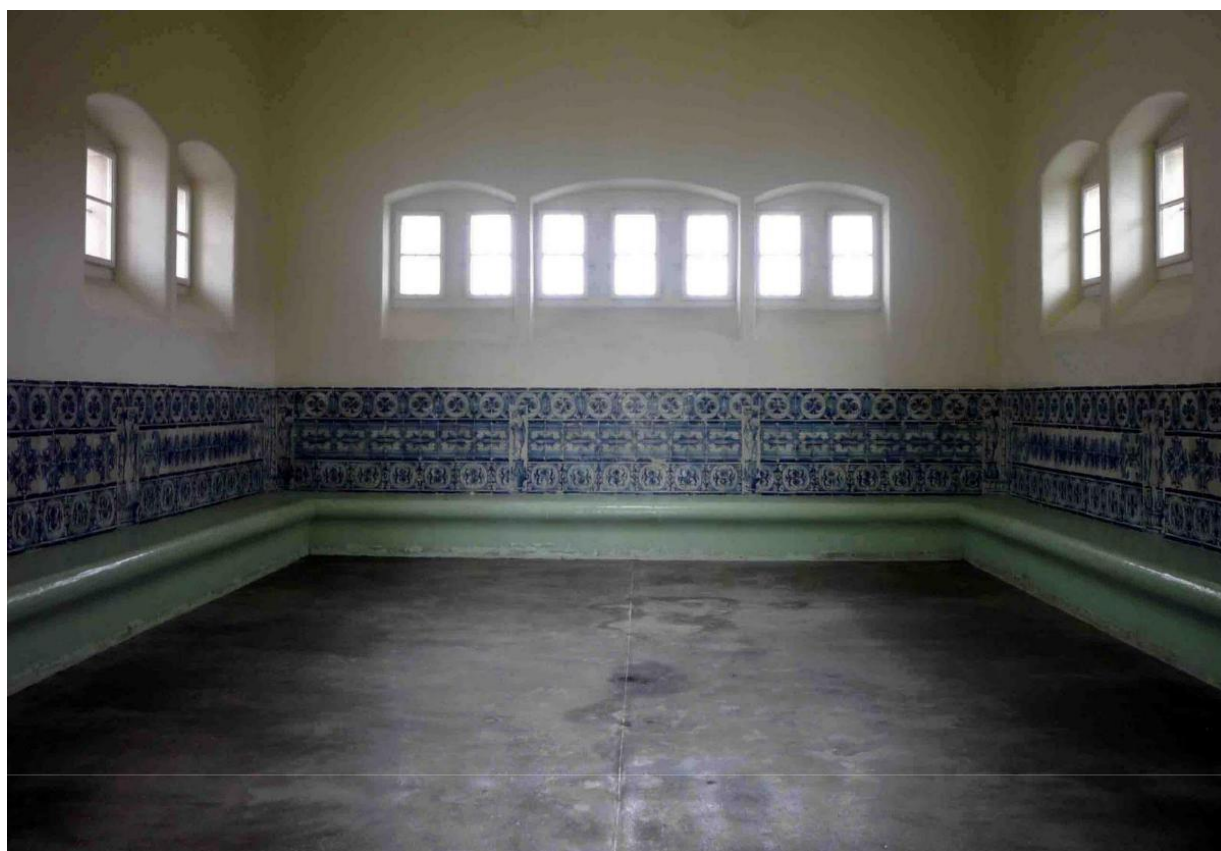


Figura 24 – Fotografia da Sala de Reuniões, Pavilhão de Segurança, 2019.
Fonte: Autor

O Centro

É neste vazio que Nepomuceno projetou uma torre de vigia, que viria a ser o abrigo do vigilante e o elemento principal do panóptico [Fig. 25]. Este posto, preparado para fazer parte de todo o conceito, chegou a ser construído, mas deixou de existir em poucos anos. A característica que tornou este edifício tão absoluto, quanto opressivo, deixou de ser necessária, pois as funções intrínsecas ao espaço continuaram a ser exercidas, justificando assim o desmantelamento da torre. Este panóptico serviu funções afetas às necessidades hospitalares e prisionais, mas as primeiras, mostraram-se constantemente prioritárias.

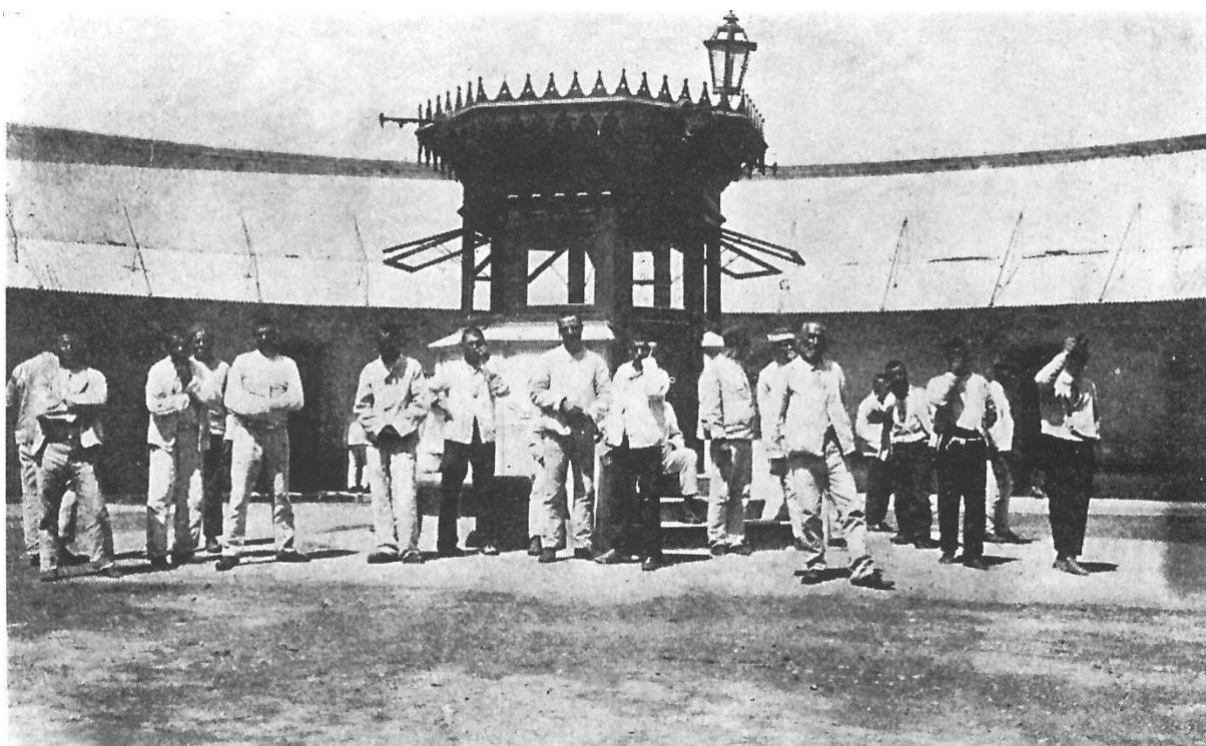


Figura 25 – Fotografia do Quiosque, revista *Brasil-Portugal*, legendada como “*Pavilhão dos Furiosos*”, 1899. Fonte: http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/BrasilPortugal/1899_1900/N20/N20_master/N20.pdf

A torre de vigia octogonal, com estrutura de ferro, ficava ligeiramente elevada face ao piso, com alguns degraus de acesso ao seu interior, sendo composta por 7 janelas envidraçadas e que poderiam ser abertas. A omnipresença invisível de Bentham, foi um detalhe descurado ou propositadamente excluído, visto que qualquer paciente no pátio, poderia estar consciente de que alguém o estivesse a vigiar num determinado instante. Ao contrário das prisões de alta segurança daquele pensador, Miguel Bombarda apesar de pretender o controlo dos seus pacientes, não faz uso desse controlo como instrumento essencial aos seus objetivos. São

poucos os elementos que fazem prova da existência desta torre, e sabe-se que esta terá sido desmantelada mais tarde, como referido acima. Um estudo de realizado em 1923, descreve o pátio da 8ª Enfermaria com uma bica de água no centro, pelo que o quiosque de vigia já não existiria. (Freire, 2009, p. 41)

Tendo a certeza de que à sua construção, o posto de vigia foi um elemento pretendido, e sabendo que algures nos 30 anos seguintes, este deixou de ser necessário, conclui-se que, a função atribuída a este posto, ou não foi bem-sucedida, ou perdeu razão de ser. Após este período de tempo, um registo fotográfico aéreo de 1948, mostra o pátio com um tratamento de jardim intencionalmente desenhado, convidativo a passear no seu meio [Fig. 24]. Em 1974 é lançado o filme *Jaime* que, tendo como objetivo a recolha de informação sobre a vida de um paciente chamado Jaime Fernandes, mostra filmagens do interior do panóptico recolhidas nos anos de 1973/1974. Nestas filmagens é possível verificar que o jardim já não existe, mas ao invés disso, áreas deste centro aparentam ser cultivadas, assim como a existência de uma fonte [Fig. 25].



Figura 26 – Fotografia Aérea do Pavilhão de Segurança, HMB, Lisboa, 10 de novembro de 1948.
Fonte: Freire, Vítor Albuquerque (2009). *Panóptico, Vanguardista e Ignorado: O Pavilhão de Segurança do Hospital Miguel Bombarda*. Lisboa: Livros Horizonte



Figura 27 – Captura de cena do filme *Jaime* de 1974, [2:04min].

Fonte: Reis, António (diretor). (1974). *Jaime*. [35min]. Lisboa: Centro Português de Cinema.

As alterações que este pátio teve mostram, uma após a outra, menos severidade nas intenções espaciais. Dir-se-ia que há bondade para com aqueles que tiveram de ser aqui enclausurados, ao tentar fazer deste meio, um elemento agradável. Os detalhes que anteriormente foram referidos como distanciados do panótico original de Bentham, são os mesmos que mostram um propósito benévolo por detrás do desenho de Nepomuceno, e como tal, tornam este edifício digno de um estudo separado dos restantes panóticos.

O pátio a descoberto, que permite que todos os dias os pacientes possam usufruir de uma área exterior, de abundante luminosidade natural e de poder conviver em espaço aberto, revela-se como o único pátio assim descrito em todos os panóticos que se assemelham ao desenho de 1785. O círculo interno do edifício teve como centro o ponto de vigia constante, mas transformou-se na área de apoio ao tratamento dos alienados, ao assemelhar-se a uma praça de encontro entre os vários pacientes.

Todo este espaço aberto é circundado por um passeio que se encontra na separação do exterior para o interior e onde era possível caminhar ou permanecer sentado. Este anel intermédio é coberto por um telheiro de zinco, com declive acentuado, e que protege a entrada de todos os compartimentos de chuvas intensas e possibilita ensombramento no verão [Fig. 28].

O convite que a fachada exterior faz a um visitante, intensifica-se no interior deste edifício. Mas para sair novamente, existe uma resistência no desenho da fachada interior que se deve à repetição. A saída deste espaço é quase tão evidenciada como qualquer entrada para os compartimentos, e o convite estende-se à permanência. A única diferença: um portão gradeado ao invés de uma porta de madeira maciça. Ao longo de todo o passeio, junto às entradas, existem assentos de cimento, que se assemelham aos poiais construídos em aldeias, para que cada habitante pudesse usufruir do exterior da sua casa. Aqui, a cada alienado é dada a oportunidade de usufruir do exterior da sua cela. Este pátio foi feito para ser vivido, e apesar dos assentos não estarem presentes no desenho de Nepomuceno, são existentes à data de 1899, como é possível verificar na fotografia da torre de vigia. (Freire, 2009, p. 45)



Figura 28 – Fotografia no interior do Pavilhão de Segurança, HMB, 2019.
Fonte: Autor

As Celas

As áreas que mais respeitam as conhecidas características prisionais, são as celas. De dimensões reduzidas e elevado pé-direito, cada cela individual com cerca de 7m², continha a cama do paciente e os objetos necessários a cada um destes [Fig. 29]. São espaços despidos de qualquer caracterização singular e iguais em toda a sua distribuição, visto que encaram o mesmo centro e respondem à mesma geometria. A porta, o único elemento que pode quebrar esta vista, é de madeira e confere uma privacidade ao indivíduo no interior da sua cela, o que Bentham não propôs na sua prisão. A utilização deste material opaco permite também um maior resguardo do exterior, visto este ser aberto. É o ferrolho da porta que separa a vontade do indivíduo, daquela que é colocada sobre si, e que a contém no minimalismo de um espaço que passa a ser tomado como seu.



Figura 29 – Recriação do ambiente no interior de uma cela-quarto na década de 50, s/d.
Fonte: Freire, Vítor Albuquerque (2009). *Panóptico, Vanguardista e Ignorado: O Pavilhão de Segurança do Hospital Miquel Bombarda*. Lisboa: Livros Horizonte

Em cada cela, existe uma janela diminuta que pode ser corretamente designada de fresta pelas reduzidas dimensões e estreitamento vertical, e da qual provia a insuficiente e única luz natural possível neste quarto. No interior, acima da porta, um respiradouro contém instalada uma pequena lâmpada, cujo interruptor se encontra no lado exterior da cela, para controlo por parte dos vigilantes.

Cada porta tem um óculo destinado ao controlo individual, o único ‘orifício’ que permite o espiar de ambas as partes. Mais tarde, todas as portas de celas tiveram um vidro colocado na pequena abertura circular que os pacientes riscavam, na procura da privacidade que lhes fosse possível conseguir. A principal função deste panótico, atenuada pelos responsáveis da construção e dificultada pelos seus ocupantes, estava cada vez mais à prova.

Mais do que procurar a privacidade, os habitantes do panótico procuraram manter o seu espaço particular limitado, a área que lhes pertence enquanto indivíduos e não enquanto grupo de pacientes. A porta da cela que representa o limite desse espaço, mesmo que o estar fechada seja uma imposição, é a travessia do cenário particular para o cenário partilhado.



Figura 30 – Fotografia da porta de uma cela e do seu óculo, Pavilhão de Segurança, 1968.
Fonte: Cascais, António Fernando & Medeiros, Margarida (2016). *Hospital Miguel Bombarda 1968*.
Lisboa: Documenta

Espaços Comuns

As áreas partilhadas foram uma indicação do Doutor Miguel Bombarda que à data, acreditou que o convívio seria benéfico ao tratamento dos seus pacientes. A retirada dos coletes, das correias e dos métodos de tortura para incentivar o bom comportamento, foram substituídos pela agradabilidade de todo o espaço, como um estímulo ao quotidiano mais usual possível. O paciente que vivia no panóptico tinha o seu quarto que podia ser partilhado ou não, acesso maioritariamente livre a uma casa-de-banho, convívio em área exterior ou numa sala comum imensamente útil em dias de chuva, e um horário de refeições em conjunto com outros pacientes num local apropriado. Poderiam também caminhar ou exercitar-se devido à grande área livre central, o que eram consideradas práticas sadias.



Figura 31 – Fotografia de um conjunto de pacientes no interior do Pavilhão de Segurança, 1968.
Fonte: Cascais, António Fernando & Medeiros, Margarida (2016). *Hospital Miguel Bombarda 1968*.
Lisboa: Documenta

“O Pavilhão de Segurança, repito, é destinado aos doentes da Penitenciária. Mas é provável que seja obrigado, à falta de células de isolamento, e enquanto as não alcançar, a aproveitar-me uma ou outra vez das que ali existem para nelas isolar doentes muito agitados e que em nada podem sentir o seu contacto com criminosos - porque é de notar que alienados há a quem repugna tal contacto. Em todo o caso, o menos possível; a experiência tem-me mostrado que o isolamento, a maior parte das vezes, é um mal no tratamento da loucura e que se deve procurar, sempre que seja possível, ter os doentes em espaços bastante largos para que eles possam mover-se livremente, sem se incomodarem uns aos outros.” (Bombarda, 1894, p. 13)

Uma peça assim, idealizada com propósitos justos e imparciais, particulariza-se nos seus detalhes construtivos, e se até aqui, a arquitetura impôs-se num espetáculo de opressão dissimulada, foi também graças aos seus pormenores que este panótico se tornou notável. A harmonia existente entre os elementos vincula-se à função pretendida como por exemplo, os bancos e os vãos que têm as suas arestas polidas, como se todo o edifício se tratasse de uma peça escultórica moldada como sendo única. A ausência de arestas, tanto em bancos, como em vãos, pode facilmente ser vista como um detalhe estético, mas também como apoio à prevenção de graves contusões que doentes mais agitados pudessem sofrer [Fig. 30]. (Freire, 2009, p. 46)



Figura 32 – Banco fixo com arredondamento em cimento, s/d.

Fonte: Freire, Vítor Albuquerque (2009). *Panótico, Vanguardista e Ignorado: O Pavilhão de Segurança do Hospital Miguel Bombarda*. Lisboa: Livros Horizonte

Todos os compartimentos estão devidamente identificados na parte superior da porta, e organizam-se por grupos. As células individuais junto à área de entrada e os dormitórios partilhados, de maiores dimensões, mais afastados. A área destinada à higiene, encontra-se no lado oposto à entrada, sendo de fácil verificação por parte de quem vigia.

O refeitório e a sala comum, estavam destinados à utilização periódica por parte dos pacientes, não apenas para os convívios, mas também para serem utilizadas como salas de terapia ocupacional, propostas pela direção do hospital como essenciais ao bem-estar e à continuação dos tratamentos. Estas terapias consistiam no trabalho em grupo ou individual de pintura de azulejos, preparação de festividades, como o convívio de natal, e leitura para os internados. São espaços amplos e com iluminação natural abundante devido à claraboia existente, com estrutura metálica e envidraçados, e de janelas que adotam a mesma linguagem flexível [Fig. 34].

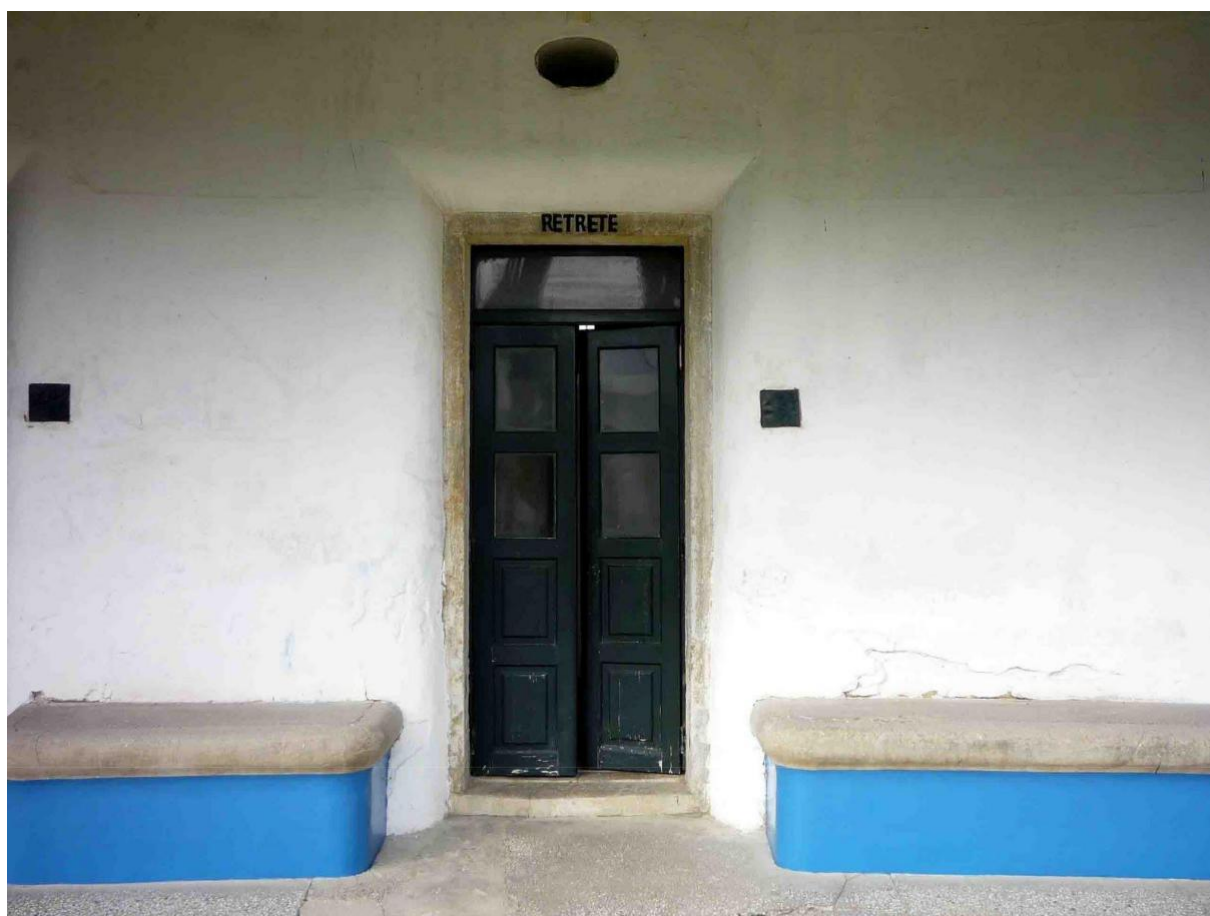


Figura 33 – Entrada do compartimento identificado como ‘RETRETE’, Pavilhão de Segurança, s/d.

Fonte: Freire, Vítor Albuquerque (2009). *Panóptico, Vanguardista e Ignorado: O Pavilhão de Segurança do Hospital Miguel Bombarda*. Lisboa: Livros Horizonte

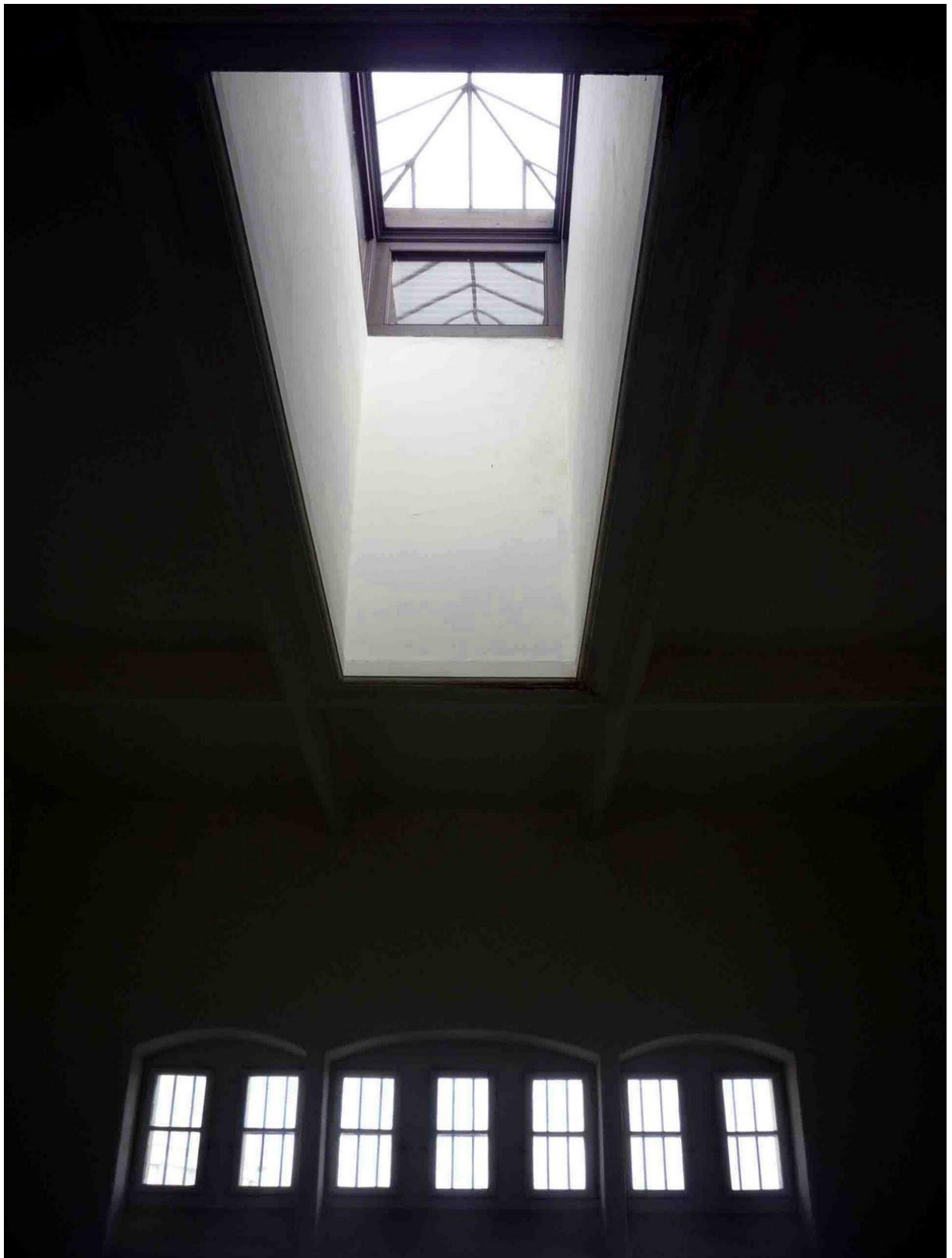


Figura 34 – Clara-boa e conjunto de janelas, Sala de Reuniões, Pavilhão de Segurança, s/d.
Fonte: Freire, Vítor Albuquerque (2009). *Panóptico, Vanguardista e Ignorado: O Pavilhão de Segurança do Hospital Miguel Bombarda*. Lisboa: Livros Horizonte

3.3.Casos de Vida

O Pavilhão de Segurança foi o abrigo, a penitência e o lar de centenas de pessoas, e cada uma destas, guarda na sua história o reflexo da carga que emana deste espaço. Conhecer e recontar um pedaço da estadia dentro da 8ª Enfermaria, é reconhecer também o resultado que tanto se busca provar como existente nesta dissertação. Um local assim não apresenta uma conclusão no que significa, ou seja, não é possível descrevê-lo e assumir que representa o mesmo para qualquer paciente que lá estivesse internado, mas ao invés disso, exprime-se como um local que concorda em ser persuasivo e dominante na relação que teve com os seus habitantes. São relações dignas de serem registadas, tanto pela sua singularidade como por terem ocorrido numa época tão dura para os mentalmente incompreendidos. Segue-se assim a apresentação de duas histórias. Cada uma delas, relata um passado em grande parte vivido no interior do Pavilhão de Segurança no Hospital Miguel Bombarda, e foram conseguidas graças a compilações de entrevistas e registos dos funcionários do hospital.

Valentim de Barros, nasceu em Lisboa, no dia 11 de novembro de 1916. Antes de conhecer o interior do Pavilhão de Segurança, Valentim de Barros viveu uma vida de busca da felicidade pela dança, enquanto contrariava constantemente os seus familiares, que se opunham às práticas consideradas femininas e pouco adequadas. Desde muito jovem eram-lhe conhecidos os bordados e as rendas, as pinturas e os desenhos, assim como as intenções decorativas, atividades que hoje em dia não incomodam da mesma forma que incomodavam nos anos 1930-1940. Valentim de Barros, enquanto homem, não deveria ocupar-se de tarefas vistas como sendo de mulheres. Não obstante, perseguiu a carreira de bailarino por Madrid, Berlim e Estugarda, onde foi preso em 1938. Ao regressar a Portugal, em 1939, é preso pela PVDE, mais tarde reestruturada como PIDE. É fotografado e classificado como preso político, mas os crimes são pouco claros. Manteve desde muito cedo relacionamentos com diversos homens que prefere não revelar os nomes, dizendo apenas as suas iniciais. O último relacionamento que se lhe conhece, com C., termina quando Valentim é internado. O seu internamento deve-se à insistência da mãe que, fatigada pelos seus fetiches com roupas e maquilhagem femininas e com o sonhar acordado que era um bailarino famoso, a dançar em qualquer lugar que fosse, envia o filho para o Hospital Miguel Bombarda.



Figura 35 – Valentim de Barros, fotografado pela PVDE, 1939.
Fonte: www.noticias.fcsh.unl.pt/

“Cumprimenta-me à entrada, senta-se quando lhe ordeno. Modos afeminados, melífluos, dengosos, denunciadores da sua inversão sexual. Perfeitamente calmo, humor natural. Respostas adaptadas, longas, circunstanciadas, voz afeminada.” (Horta, 2014)

A entrada de Valentim de Barros fica registada por um dos funcionários que faz os exames preliminares. Ao ser imediatamente diagnosticado com a doença da inversão sexual, foi internado para tratamento, e a partir daqui começam os primeiros sinais de loucura. Acomodava-se a qualquer realidade onde pertencesse transformando-a no seu palco de dança, ou seja, o delírio daquilo que mais gostava de fazer numa realidade que não aceitava completamente. Quase 10 anos após estar internado, Valentim de Barros foi submetido a uma leucotomia. A intenção era abrir orifícios no crânio e lesionar o sistema nervoso de modo a reduzir a agitação sexual. O seu comportamento era incomodativo por estar a aliciar constantemente outros pacientes para as práticas comportamentais consideradas indevidas.

“Se dantes convidava os outros doentes para práticas homossexuais e se metia na cama com eles, depois da leucotomia faz precisamente a mesma coisa.” (Horta, 2014). No entanto, passou a ser mais obediente, mais respeitador e menos agressivo com os funcionários do hospital. Sem se aperceber, Valentim estava a tornar-se um habitante permanente no Pavilhão de Segurança.

A cela de Valentim ficou famosa entre os restantes pela sua decoração e estima, pois era o seu palco pessoal, onde podia sonhar dançar sem ser reprimido. O palco do comportamento que o panótico quer castrar, mas que não consegue pois permite que na cela, por detrás da porta, o indivíduo exista enquanto ser que pode fazer as suas escolhas. Por detrás da porta, não existe o atrevimento de uma ordem de fora, pois isso significa desestabilizar o paciente. Entrar no quarto-cela de Valentim era um privilégio estendido apenas aos mais chegados. Era o seu mundo recriado, da forma como o queria viver, e não podendo viver a realidade no exterior, viveu a ilusão na sua cela, dentro do panótico.

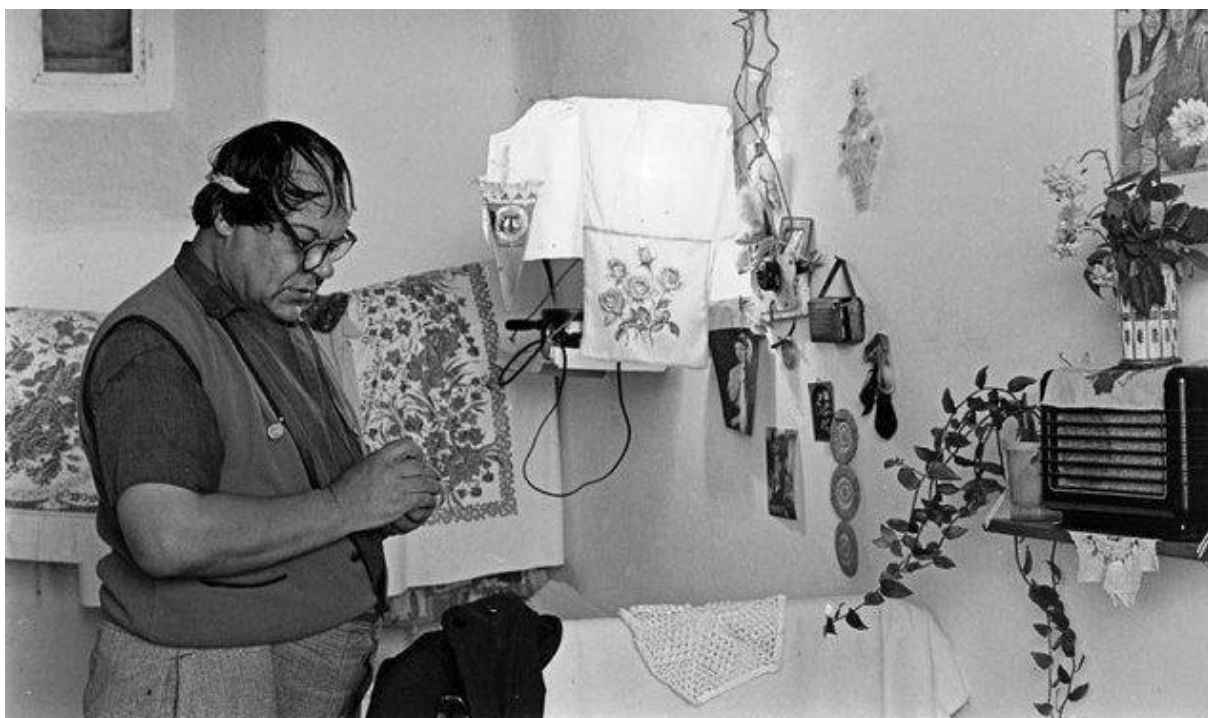


Figura 36 – Valentim de Barros, fotografado no interior da sua cela, 1968.

Fonte: Cascais, António Fernando & Medeiros, Margarida (2016). *Hospital Miguel Bombarda 1968*. Lisboa: Documenta

Durante mais de 40 anos, o Pavilhão de Segurança foi a morada de Valentim de Barros e a homossexualidade foi apontada como a doença que o manteve internado. No seu quotidiano, manteve-se ocupado com os bordados de que tanto gostava e com as práticas rotineiras de todo o edifício, tais como as atividades de terapia ocupacional e o caminhar ao ar livre [Fig. 31]. A sua saúde mental deteriorou-se com o passar dos anos, e retirou de Valentim a alegria da dança que foi substituída pelo comportamento taciturno e conformado. Quando recebeu alta hospitalar, já não tinha familiares que o pudessem receber, e acabou por falecer nesse mesmo dia, a 3 de fevereiro de 1986.

Cada uma das pessoas internadas no Pavilhão de Segurança, via-se encerrada num edifício igualmente limitado a toda a volta, sem a possibilidade de identificar um marco exterior que ajudasse a localizar-se espacialmente. A experiência humana ajuda a entender como eram passados estes dias absorvidos pelos alienados, que já estando distantes do que se passava fora do panóptico, encontravam-se por vezes alheios à sua própria realidade. É o caso de Jaime Fernandes que deu entrada no Hospital de Rilhafoles em 1938, com 38 anos de idade. Diagnosticado com esquizofrenia paranoica, uma patologia marcada por surtos em que ilusões podem sobrepor-se à realidade, Jaime aceitou ser internado com a esperança de um tratamento.

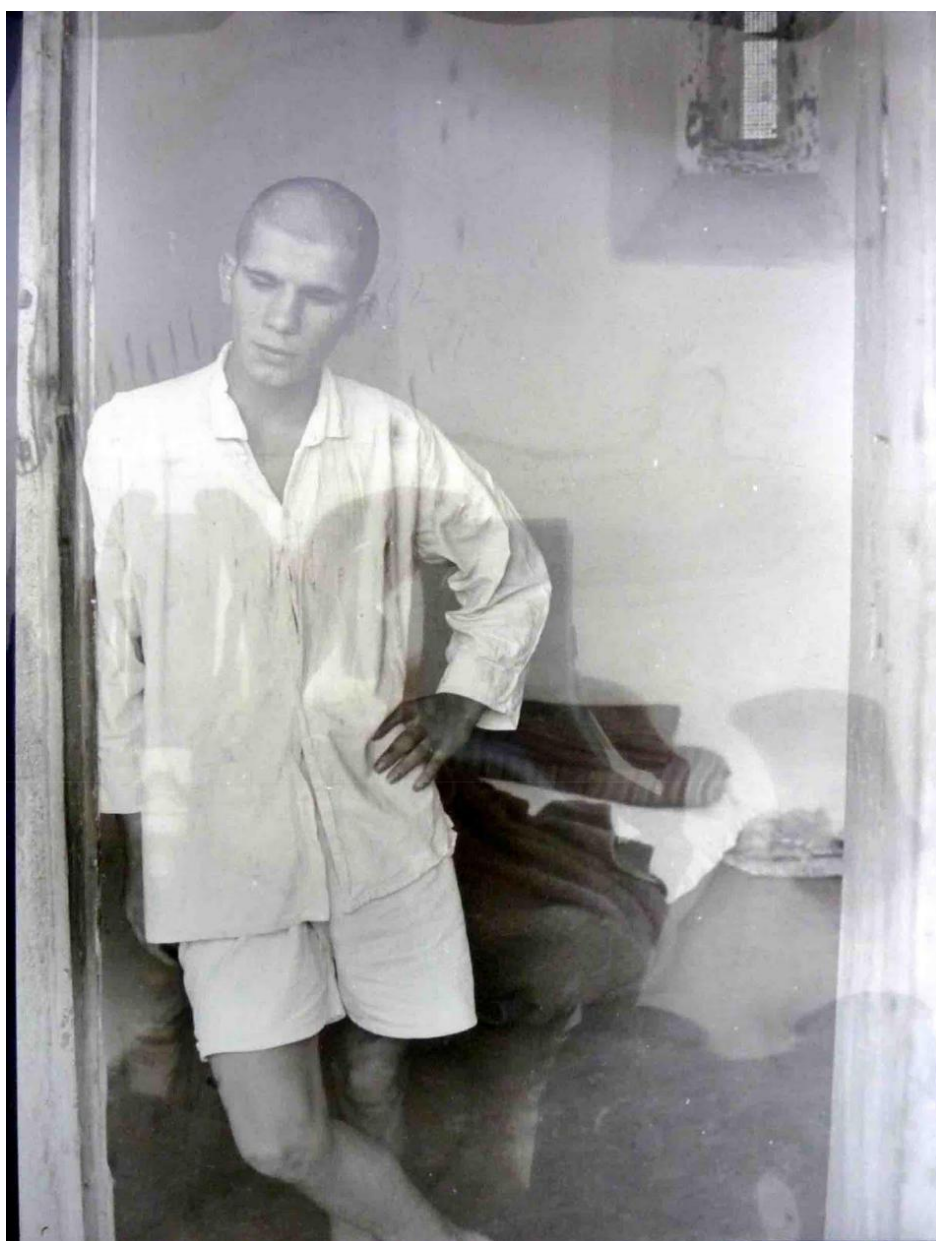


Figura 37 – Jaime Fernandes à porta da sua cela, Pavilhão de Segurança, s/d.
Fonte: Exposição *Arte Outsider*, Museu Miguel Bombarda

Não se lhe conhecem aptidões relacionadas com arte e, foi apenas muito mais tarde, quando a 8ª Enfermaria era já considerada como a sua casa, que Jaime revela um pouco do seu palco pessoal. No caso de Jaime Fernandes, os delírios são invasivos e não controlados, e após mais de 30 anos de internamento, começa a mostrar o mundo que vê através de desenhos. Só após os 60 anos de idade começa a desenhar compulsivamente formas e figuras, algumas impercetíveis e outras claramente relacionadas com o espaço envolvente. Chegam aos nossos dias exemplares destes desenhos, classificados como amostras de Arte *Outsider*, uma arte que valoriza registos em desenho, pintura ou escritos, concebidos por aqueles que não foram tocados pela cultura artística, que se exprimem de modo bruto e que o fazem sem o planeamento ou a influência de uma arte já exposta e criticada.

O cenário de Jaime não se estende às paredes da sua cela, mas é exposto nas folhas que pede aos funcionários pois, tal como Valentim, o seu universo não fica exclusivamente no pensamento. O espaço físico e o espaço mental convivem onde a ilusão se funde com a realidade envolvente.

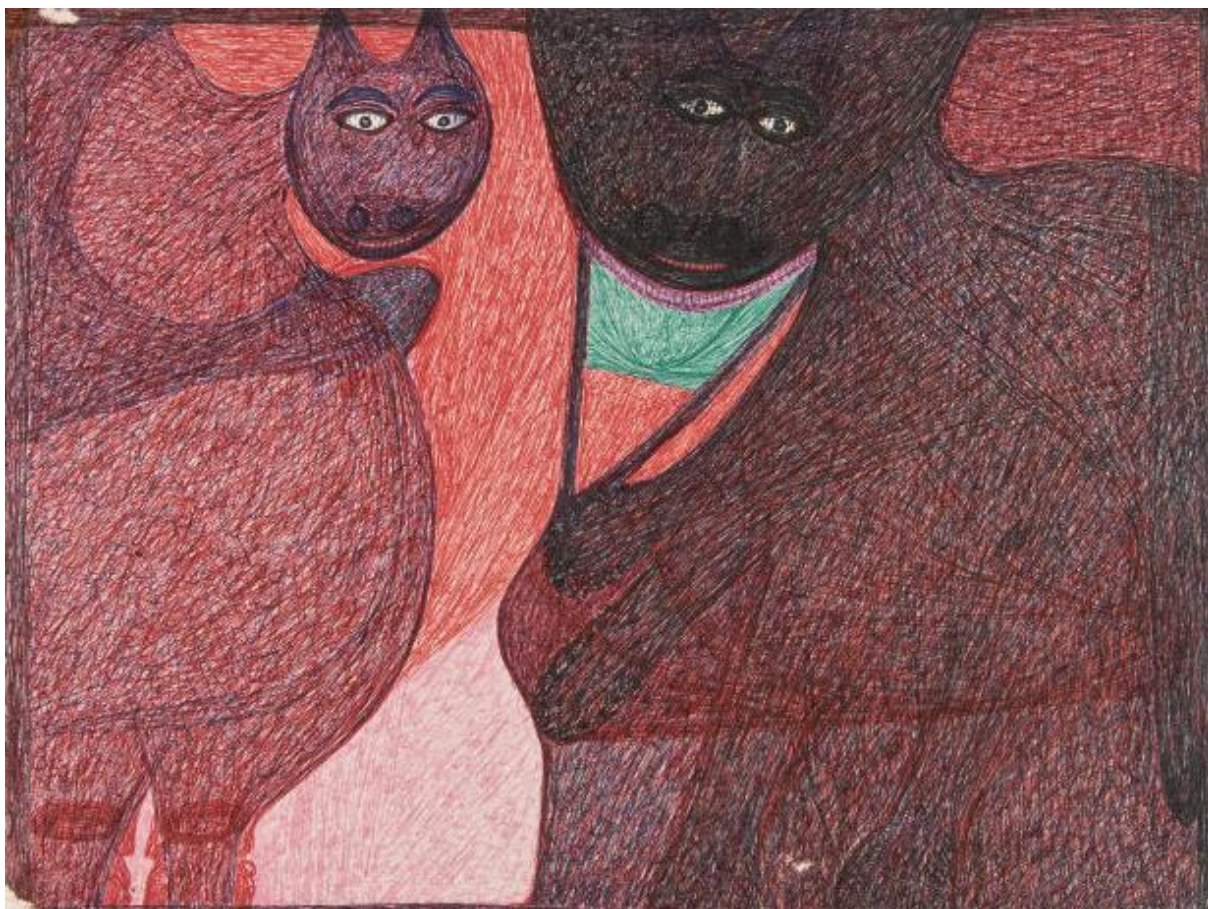
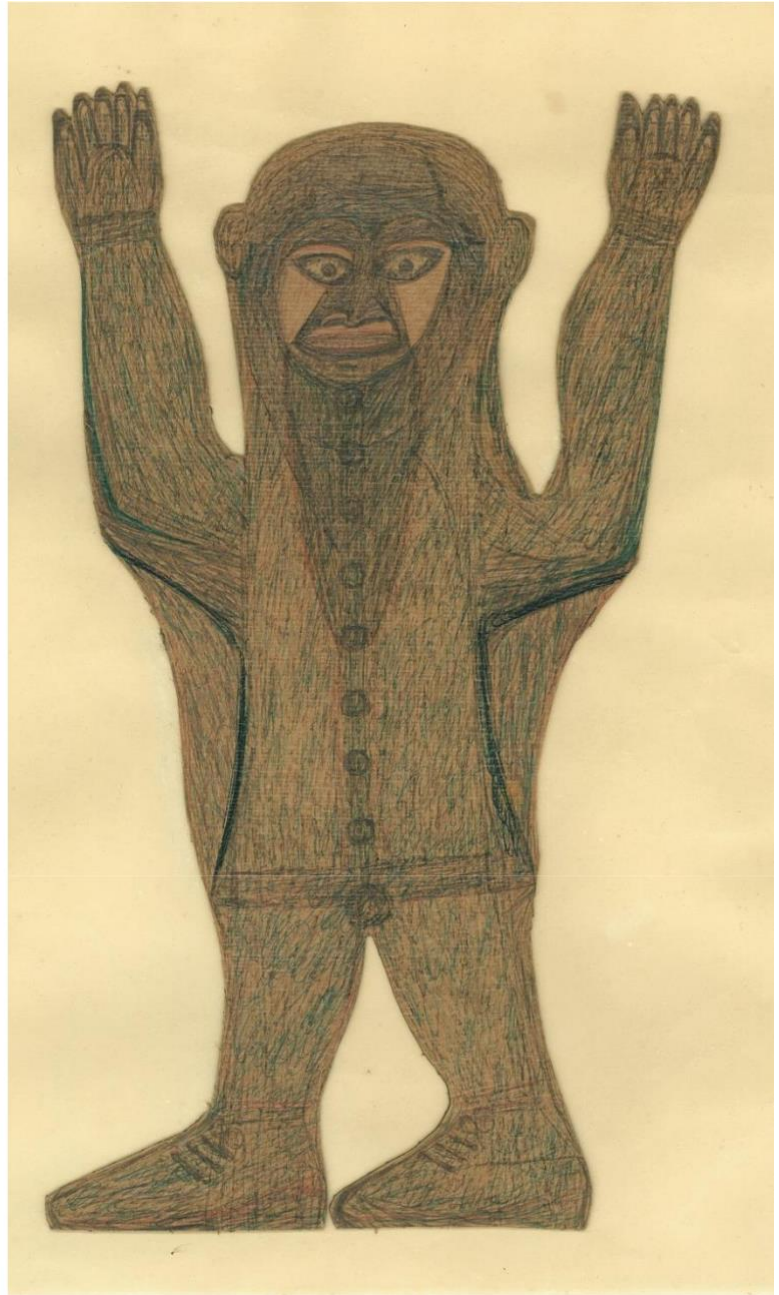


Figura 38 – Desenho de esferográfica em papel, 32,6cmx24,9cm, Jaime Fernandes, s/d.
Fonte: Exposição *Jaime*, Fundação Calouste Gulbenkian, novembro de 1980.



Figuras 39 e 40 – Desenho de figura disforme em esferográfica, 43,9cmx13,5cm, Jaime Fernandes, s/d;
Desenho de figura disforme em esferográfica, dimensões desconhecidas, Jaime Fernandes, s/d.
Fonte: Exposição *Jaime*, Fundação Calouste Gulbenkian, novembro de 1980.

*“They are like so many cages, so many small theatres, in which each actor is alone, perfectly individualized and constantly visible.”*⁴ (Foucault, 1991, p. 200)

⁴Nota de tradução: “São tantas as celas, tantos pequenos teatros, onde cada ator está sozinho, perfeitamente individualizado e constantemente visível.”

Conclusão

Esta dissertação viu o seu início relacionado com questões do âmbito do comportamento humano, e apesar de mostrar perguntas concretas, as respostas que foram surgindo, traçaram a direção que esta investigação tomou, não com a sua meta numa resposta ligeira e perentória, mas na consideração de um conjunto de fatores. A reflexão sobre o significado da atmosfera arquitetónica e de que forma esta condiciona o comportamento adquirido, teve como objetivo clarificar a responsabilidade que recai sobre o arquiteto ao mesmo tempo que se tem a consciência de que o espaço é único para cada sujeito.

O modelo estudado encerra no seu limite circular mais do que uma função atribuída. Encerra valores de património, pela exclusividade de detalhes arquitetónicos e pelos raros exemplos existentes, e valores vivenciais pelo conjunto de memórias proporcionadas pelo espaço, muitas de sofrimento e incompreensão. Cada panótico é um conjunto de histórias de vida que, à medida que o tempo passa caem no esquecimento, e são estas mesmas histórias que também atribuem importância ao edifício. Preservar o espaço é preservar a memória, e consequentemente, preservar os universos criados por aqueles que sentiam a necessidade de lhe escapar. Criar um mundo dentro do panótico, era servir-se do primeiro para escapar do segundo, e é aqui que cada paciente nos revela como abriu a possibilidade desta *fuga* com a sobreposição de ilusões e atividades, num círculo fechado.

O Pavilhão de Segurança vive na cidade, adormecido e dissimulado, com a presença de uma outra época que se viu sem função no ano de 2009, quando os últimos habitantes foram transferidos para outros hospitais de saúde mental. E desde aí, este edifício é um prisioneiro da sua própria forma, que vive para dentro, sem se relacionar com o exterior. O projeto do Pavilhão de Segurança nasceu em 1892. Ele não pertence ao presente e uma peça assim não consegue encontrar o seu lugar no futuro. É marcada por uma época e, se por um lado, poderia ser alterada a sua função atribuindo-lhe uma nova e integrá-lo num futuro incerto, por outro lado, isto significa a perda da sua identidade. Estes são os casos em que a arquitetura nos coloca frente a frente com a sua face mais desafiante, mas também mais frustrante: a *indecisão*.

Bibliografia

Augé, Marc (2012). *Os Não-Lugares: Introdução a uma Antropologia da Sobremodernidade*.

Lisboa: Letra Livre.

Bombarda, Miguel (1894). *O Hospital de Rilhafol e os seus serviços em 1892-1893*.

Lisboa: Livraria Rodrigues.

Bowring, John (1843). *The Works of Jeremy Bentham*. Londres: Simpkin, Marshall & CO.

Cascais, António Fernando & Medeiros, Margarida (2016). *Hospital Miguel Bombarda 1968*.

Lisboa: Documenta.

Cid, Sobral (1927). *O Professor Miguel Bombarda*. Lisboa: Diário de Notícias.

Foucault, Michel (1991). *Discipline and Punish: The Birth of Prison*. Londres: Penguin Books.

Giedion, Sigfried (2004). *Espaço, tempo e arquitetura: o desenvolvimento de uma nova tradição*. São Paulo: Martins Fontes.

Freire, Vítor Albuquerque (2009). *Panóptico, Vanguardista e Ignorado: O Pavilhão de Segurança do Hospital Miguel Bombarda*. Lisboa: Livros Horizonte.

Horta, Bruno (2014). *Valentim de Barros, o bailarino a quem roubaram a vida*. Lifestyle. Acedido em 06 de agosto de 2020 em <http://lifestyle.sapo.pt/vida-e-carreira/emfoco/artigos/valentim-de-barros-o-bailarino-a-quem-roubaram-a-vida>.

Merleau-Ponty, Maurice (1999). *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes.

Pallasmaa, Juhani (2017). *Habitar*. Barcelona: Gustavo Gili.

Pereira, Ana Leonor (2006). *Miguel Bombarda (1851-1910) e as singularidades de uma época*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Sennett, Richard (2003). *Carne y piedra : el cuerpo y la ciudad en la civilización occidental*. Madrid: Alianza.

Victor, Jayme (1899). *O Hospital de Rilhafoles* [versão eletrónica]. Revista Brasil-Portugal, Nº 20, 3-6. Acedido em 17 de fevereiro de 2020 em http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/BrasilPortugal/1899_1900/N20/N20_master/N20.pdf.

Vieira de Aguiar, Douglas (2006). *Espaço, Corpo e Movimento: Notas sobre a pesquisa da espacialidade na arquitetura* [versão eletrónica] in *ArqTexto*, Nº 8, 74-95. Acedido a 24 de janeiro de 2020 em <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/22238>.

Beccaria, Cesare (2005). *Dos Delitos e das Penas*. Lisboa: Martins Fontes.

Zumthor, Peter (2005). *Pensar a Arquitectura*. Barcelona: Gustavo Gili.

Referências Cinematográficas

Freidrichs, Chad (produtor). 2012. *The Pruitt-Igoe Myth*. Acedido em www.vimeo.com.

Hill, Hugh (produtor), & Robbins, Bill (diretor). (1961). *Life at Stateville: The Wasted Years*. [40 min]. Chicago: WBBM

Reis, António (diretor). (1974). *Jaime*. [35min]. Lisboa: Centro Português de Cinema.

Smith, David Ross (produtor). (2008). *Surviving Stateville in Lockdown*. (2, Ep. 7). [46min]. Washington, DC: National Geographic. Acedido em <https://www.youtube.com/watch?v=yb9oo1rq6Cg>.